

FĀTĪMA-50

Ano I - N°9 13/Janeiro/1968

INTERNATIONAL

10324



FÁTIMA E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PAZ

OS NOSSOS VOTOS DE ANO NOVO

De FÁTIMA partiu o mais dramático apelo à Paz, dos últimos tempos. Lançou-o Sua Santidade o Papa Paulo VI durante a sua visita à Cova da Iria, como «humilde» Peregrino da Paz».

FÁTIMA é um permanente apelo à Paz. Desde a primeira visita de Nossa Senhora, em 13 de Maio de 1917. Até desde a preparação dos videntes com os ensinamentos do «Anjo da Paz». E ficou, para sempre, numa Mensagem de Penitência e Oração que podem considerar-se as pedras fundamentais deste «dom de Deus ... que

tem necessidade da livre aceitação e da livre colaboração da nossa parte» — Hom. Paulo VI, Fátima, 13/5/67.

PAULO VI escolheu Fátima para fazer o seu dramático apelo por reconhecer em Fátima um sinal de Paz: «Viemos Nós aos pés da Rainha da Paz a pedir-lhe a Paz, dom que só Deus pode dar.»

Descreveu, antes, o quadro alucinado de um Mundo lançado ao abismo de uma guerra total e arrasadora. Diante dos seus olhos de Pai universal tinha apenas, como luz de esperança, a protecção de Nossa Senhora e a correspondência dos homens aos Seus pedidos. E, por isso, depois de dirigir a sua oração a Deus, dirigiu um pedido aos homens: «Homens, dizemos neste momento singular, procurai ser dignos do dom divino da paz. Homens, sede homens. Homens, sede bons, sede cordatos, abri-vos à consideração do bem total do Mundo. Homens, sede magnânimos.



DEPÓSITO LEGAL
-D.FEV. 1968

1859

Homens, procurai ver o vosso prestígio e o vosso interesse não como contrários ao prestígio e ao interesse dos outros, mas como solidários com eles. Homens, não penseis em projectos de destruição e de morte, de revolução e de violência; pensai em projectos de conforto comum e de colaboração solidária. Homens, pensai na gravidade e na grandeza desta hora, que pode ser decisiva para a história da geração presente e futura; e recomeçai a aproximar-vos uns dos outros com intenções de construir um Mundo novo. Sim, um Mundo de homens verdadeiros, que é impossível de conseguir se não tem o Sol de Deus no Seu horizonte ...»

Estas palavras do Papa são também um eco daquelas outras pronunciadas na sede da ONU, em 4 de Outubro de 1965:

«... Nunca mais a guerra, nunca mais a guerra. É a paz, a paz que deve guiar o destino dos povos e de toda a humanidade ...»

«Este edifício que vós construis não assenta em bases puramente materiais e terrestres, porque então seria um edifício construído sobre a areia. Assenta, antes de tudo, sobre as nossas consciências. Sim, chegou o momento da «conversão», da transformação pessoal, da renovação interior. Devemos habituar-nos a pensar o homem de uma maneira nova, De uma maneira nova também a vida comunitária dos homens, de uma maneira nova, enfim, os caminhos da história e dos destinos do Mundo, segundo a palavra de S. Paulo: «Revestir o homem novo criado segundo Deus na justiça e na santidade da verdade» (Ef. 4,23). Eis chegada a hora em que se impõe uma pausa, um momento de recolhimento, de reflexão, quase de oração: pensar de novo na nossa comum origem, na nossa história, no nosso destino comum».

Se lermos com atenção estas palavras de Paulo VI, verificaremos como ele se refere concretamente à «conversão-penitência» e à «oração», os dois motivos da Mensagem de Nossa Senhora de Fátima.

A estes dois apelos devemos acrescentar o mais recente de todos, o convite à celebração do «Dia da Paz», para consagrarmos as primícias do ano que principia a pensamentos, orações e acções de paz. Desta mensagem fazemo-nos eco, publicando-a integralmente, neste número, juntamente com a «Rádio-Mensagem» de Natal, Homilia de Natal e Mensagem de Ano Novo, documentos consagrados à Paz.

Assim iniciamos um novo ano, mostrando a patética figura do Papa ajoelhado diante da imagem da Virgem de Fátima, a suplicar-Lhe a paz, simbolizada na pomba que mãos piedosas colocaram, profeticamente, aos pés de Nossa Senhora.

Este quadro é o nosso cartão de votos de feliz Ano Novo para todos os leitores, assinantes, anunciantes e amigos da revista.

FÁTIMA-50

INTERNATIONAL

Ano I - Nº 9 13/Janeiro/1968

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director:

Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção:

Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO

Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Direc. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção, Administração e Publicidade:

SANTUÁRIO DE FÁTIMA Telef. 97468

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00
Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00
Outros países — Assinatura anual: 130\$00

PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00
Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day.

SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.

NESTE NÚMERO:

ACTUALIDADES

O Mundo em Fátima	18
Peregrinações	22
Fátima no Mundo.....	34

DOCUMENTOS

Mensagens de Paulo VI:	
Sobre o «Dia da Paz»	4
Rádio-mensagem de Natal	8
Homilia de Natal	11
Mensagem de Ano Novo	12

HISTÓRIA

Fátima e a Crítica.....	17
-------------------------	----

COLABORAÇÕES

As promessas de Nossa Senhora em Fátima.....	16
Fátima e o dever de estado	24
O Rosário pela Bíblia	26

TESTEMUNHOS

Fátima e a sua contribuição para a paz.....	2
Missionários portugueses no Ceilão	14

FILATELIA

Os Selos do Cinquentenário	29
----------------------------------	----

ILUSTRAÇÕES

Fotos a cores: capa, de Augusto Cabrita; contra-capla (vital da Basílica de Fátima) de Mário de Figueiredo; fotos a preto e branco de «MARINHO»

RESUMOS

Resúmenes — Résumés — Summary	29, 30, 32
-------------------------------------	------------

Aceita-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.

Composto e impresso por GRIS, IMPRESSORES, S.A.R.L., Lisboa/Cacém.



O DIA DA PAZ

MENSAGEM DE PAULO VI A TODOS OS HOMENS DE BOA VONTADE

DIRIGIMO-NOS a todos os homens de boa vontade, para os exortar a celebrar o «Dia da Paz», em todo o Mundo, no primeiro dia do ano civil, 1 de Janeiro de 1968. Desejaríamos que depois, cada ano, esta celebração se viesse a repetir, como augúrio e promessa, no início do calendário que mede e traça o caminho da vida humana no tempo, de que seja a Paz, com o seu justo e benéfico equilíbrio, a dominar o processar-se da história no futuro.

Nós pensamos que esta proposta interpreta as aspirações dos povos, dos seus governantes e das entidades internacionais que intentam conservar a Paz no Mundo; das instituições religiosas, tão interessadas na promoção da Paz; dos movimentos culturais, políticos e sociais que fazem da Paz o seu ideal; da juventude, em quem mais vivas estão as perspectivas de caminhos novos de civilização, necessariamente orientados para o seu pacífico desenvolvimento; dos homens prudentes que vêem quanto a Paz é necessária e, ao mesmo tempo, quanto ela se acha ameaçada.

A proposta de dedicar à Paz o primeiro dia do novo ano não tem a pretensão de ser qualificada como exclusivamente nossa, religiosa ou católica. Antes, seria para desejar que ela encontrasse a adesão de todos os verdadeiros amigos da Paz, como se se tratasse de uma iniciativa sua própria; que ela se exprimisse livremente, por todos aqueles modos que mais estivessem a carácter e mais de acordo com a índole particular de quantos avaliam bem, como é bela e importante ao mesmo tempo, a consonância de todas as vozes do Mundo, consonância na harmonia, feita da variedade da humanidade moderna, na exaltar este bem primário que é a Paz.

A Igreja católica, com intenção de servir e de dar exemplo, pretende simplesmente «lançar a ideia», com a esperança de que ela venha não só a receber o mais amplo consenso no mundo civil, mas que também encontre por toda a parte muitos promotores, a um tempo avisados e audazes, para poderem impedir ao «Dia da Paz», a celebrar-se nas calendas de cada novo ano, carácter sincero e forte, de uma humanidade consciente e liberta dos seus tristes e fatais conflitos bélicos, que quer dar à História do Mundo um dever mais feliz, ordenado e civilizado.

A Igreja católica encarregar-se-á de tomar as providências para oportunamente chamar a atenção de seus filhos para o dever de celebrarem o «Dia da Paz», com as expressões religiosas e morais da fé cristã; mas, julga necessário lembrar a todos aqueles que porventura queiram comungar a oportunidade deste «Dia», algumas coisas que o devem caracterizar.

A primeira dessas coisas é a necessidade de defender a Paz, frente aos perigos que continuamente a ameaçam: o perigo da sobrevivência do egoísmo nas relações entre as Nações; o perigo das violências, a que algumas populações podem ser arrastadas pelo desespero de não verem reconhecido e respeitado o próprio direito à vida e à dignidade humana; do recurso a terríveis armas exterminadoras, de que algumas potências dispõem, despendendo com isso enormes meios financeiros, cujo gasto é motivo de dolorosa reflexão, diante das graves necessidades que dificultam o desenvolvimento de tantos outros Povos; o perigo de fazer crer que as controvérsias internacionais não podem ser resolvidas pelos meios da razão, isto é, das negociações fundadas no direito, na justiça e na equidade, mas só por meio de forças aterradoras e exterminadoras.

A Paz funda-se subjectivamente num espírito novo que há-de animar a convivência dos Povos, num novo modo de pensar o homem os seus deveres e o

seu destino. Um longo caminho resta ainda a percorrer, para tornar universal e operante esta mentalidade: uma nova pedagogia deve educar as novas gerações para o respeito mútuo das Nações, para a fraternidade dos Povos e para a colaboração das pessoas entre si, e, tudo isto afinal, em vista do próprio progresso e desenvolvimento. Os organismos internacionais, instituídos para este fim, devem ser sustentados por todos, melhor conhecidos, dotados de autoridade e de meios idôneos para a sua grande missão. O «Dia da Paz» deve tributar honras a estas instituições, emoldurar de prestígio a sua obra e rodeá-las de confiança e daquela expectativa que servem a manter nelas, sempre vigilante, o sentido das suas gravíssimas responsabilidades e, forte, a consciência do mandato que lhes foi confiado.

Impõe-se fazer mais uma advertência: a Paz não pode basear-se numa falsa retórica de palavras bem aceites, em geral, porque correspondem às profundas e genuínas aspirações dos homens, mas que podem também servir, e infelizmente algumas vezes já serviram, para dissimular o vazio de um verdadeiro espírito e de reais intenções de Paz, quando não, até, para encobrir sentimentos e acções de opressão, ou interesses partidários.

Não se pode, pois, falar de Paz, legitimamente, quando não são reconhecidos e respeitados os seus sólidos fundamentos: a sinceridade, ou seja, a justiça e o amor, tanto nas relações entre os Estados como, no âmbito de cada Nação, entre os cidadãos e entre estes e os governantes. Depois, a liberdade dos indivíduos e dos povos, em todas as suas expressões, cívicas, culturais, morais e religiosas; caso contrário, não se terá Paz; ainda mesmo que, porventura, a opressão seja capaz de criar um aspecto exterior de ordem e de legalidade, no fundo haverá um germinar contínuo e insufocável de revoltas e guerras.

É pois à Paz verdadeira, à Paz justa e equilibrada, assente no reconhecimento sincero dos direitos da pessoa humana



e da independência de cada Nação, que nós convidamos os homens prudentes e corajosos, a dedicar este «Dia».

Por último, é de desejar que a exaltação do ideal da Paz não seja entendida como um favorecer a ignávia daqueles que têm medo de dedicar a vida ao serviço da própria Pátria e dos próprios irmãos quando se acham empenhados na defesa da justiça e da liberdade; mas antes, procuram somente a fuga das responsabilidades e dos riscos necessários para o cumprimento dos grandes deveres impostos pelas empresas generosas. Não. Paz não é pacifismo, não esconde uma concepção vil e pregui-

cosa da vida; mas, proclama sim os valores mais altos e universais da vida: a verdade, a justiça, a liberdade e o amor.

É para defesa destes valores, que nós os colocamos sob a bandeira da Paz. Convidamos pois, homens e nações a erguerem, no dealbar do ano novo, esta bandeira, que deve guiar ao porto das mais elevadas metas a nau da civilização, através das inevitáveis tempestades da história.

A vós, Venerados Irmãos no Episcopado, a vós, Filhos e Fiéis caríssimos de nossa Santa Igreja católica, dirigimos agora o convite de que antes falamos, ou seja: o convite a que se dedique aos pensamentos e aos propósitos da Paz uma celebração especial, no primeiro dia do ano civil, no dia 1 de Janeiro do próximo ano.

Esta celebração não há-de alterar o calendário litúrgico, que reserva o dia de «Ano Bom» ao culto da Maternidade Divina de Maria e ao Santíssimo Nome de Jesus; pelo contrário, estas santas e suaves comemorações religiosas devem projectar a sua luz de bondade, de sabedoria e de esperança sobre o modo de pedirmos, de meditarmos e de promovermos o grande e desejado dom da Paz, de que o Mundo tem tanta necessidade.

Tereis notado, Irmãos veneradíssimos e Filhos caríssimos, como a nossa doutrinação repete tão frequentemente considerações e exortações acerca do tema da Paz; não o fazemos cedendo a um hábito fácil, ou para explorar um argumento de grande actualidade. Fazêmo-lo sim, porque julgamos que isso nos é exigido pelo nosso dever de Pastor universal; fazêmo-lo porque vemos a Paz gravemente ameaçada e impelidos pelos acontecimentos terríveis que podem ser catastróficos para nações inteiras e, talvez mesmo, para grande parte da humanidade; fazêmo-lo ainda, porque nos últimos anos da história do nosso século, tornou-se finalmente patente de modo claríssimo, que a Paz é a única e a verdadeira linha do progresso humano e que, por outro lado não são as tensões de nacionalismos ambiciosos, nem as

conquistas violentas, nem as repressões que estabelecem uma falsa ordem civil; mais, fazêmo-lo porque a Paz está no centro do espírito da religião cristã, uma vez que, para o cristão, proclamar a Paz é anunciar Jesus Cristo, «Ele é a nossa paz» (Ef. 2, 14); o Seu Evangelho é «Evangelho de paz» (Ef. 6, 15). Mediante o Seu sacrifício na Cruz, Ele levou a termo a reconciliação universal, e nós, Seus seguidores, somos chamados a ser «obreiros da Paz» (Mt. 6, 9); e finalmente, só do Evangelho pode brotar a Paz, não para tornar os homens fracos e moles, mas para substituir nas suas almas os impulsos da violência e da prepotência, pelas virtudes viris da razão e do coração de um humanismo verdadeiro; fazêmo-lo, em último lugar, porque não quereríamos que nos fôsse lançado em rosto, por Deus e pela história, que nos calámos, diante do perigo de uma nova conflagração entre os povos, a qual, como todos sabem, poderia assumir formas imprevisíveis de terribilidade apocalíptica.

É preciso falar sempre de Paz. É preciso ensinar o Mundo a amar a Paz, a construí-la e a defendê-la; e, contra as remissas de guerra que continuamente renascem (emulações nacionalistas, armamentos, provocações revolucionárias, de ódio de raças, espírito de vingança, etc.) e contra as insídias de um pacifismo táctico, que narcotiza o adversário que se pretende abater, ou faz gradualmente desaparecer nos espíritos o sentido da justiça, do dever e do sacrifício, é preciso despertar, nos homens do nosso tempo e das gerações vindouras, o sentido e o amor da Paz, fundada na verdade, na justiça, na liberdade e no amor. (Cfr. João XXIII, *Pacem in Terris*).

Especialmente para nós, seguidores de Cristo, tenha a grande ideia da Paz o seu «Dia» solene, no princípio do novo ano de 1968. Com efeito, nós os que cremos no Evangelho, podemos enriquecer esta celebração com um maravilhoso tesouro de ideias originais e potentes: como a da intangível e universal fraternidade de todos os homens, a qual deriva da única, soberana e amabilíssima

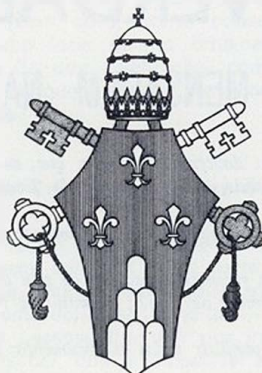
Paternidade de Deus e provém da comunhão que «in re» (de facto) ou in «spe» (em perspectiva), a todos nos une em Cristo; e promana também da vocação profética que, no Espírito Santo, chama o género humano à unidade, não só de consciência, mas também de obras e destinos. Nós podemos ainda, como ninguém, falar do amor do próximo. Nós podemos ir buscar ao preceito evangélico do perdão e da misericórdia fermentos regeneradores da sociedade. Nós, Irmãos veneradíssimos e Filhos dilectíssimos podemos, sobretudo, dispor de uma arma singular em favor da Paz: é a oração com as suas maravilhosas energias de tonificação moral e de impetração de transcendentos factores divinos de inovações espirituais e políticas e com a possibilidade que ela oferece a cada um, de se interrogar a si mesmo, com sinceridade, acerca das raízes do rancor e da violência, que podem eventualmente encontrar-se no coração de cada um de nós.

Procuremos, pois, todos nós, reunidos quanto possível, nas nossas igrejas e nas nossas famílias, inaugurar o ano da graça de 1968 — ano da Fé que se torna Esperança — rezando pela Paz. É isto o que por agora vos pedimos. Não falte a voz de ninguém no grande coro da Igreja e do Mundo, que pede a Cristo, por nós imolado, «dona nobis pacem» (dai-nos a Paz).

Desça sobre todos vós a nossa Bênção Apostólica.

Vaticano, 8 de Dezembro de 1967.

Paulus P. P. VI



ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor, Deus de paz,
Vós que criastes os homens,
objecto de Vossa benevolência,
para serem os familiares da Vossa glória,
nós Vos bendizemos e Vos agradecemos:
pois nos enviastes Jesus,
Vosso Filho querido,
Vós o fizestes,
no mistério da Sua Páscoa,
o autor de toda a salvação,
a fonte de toda a paz,
o laço de toda a fraternidade.

Nós Vos damos graças,
pelos desejos, pelos esforços,
pelas realizações,
que o Vosso Espírito de paz
suscitou no nosso tempo,
para substituir o ódio pelo amor,
a desconfiança pela compreensão,
a indiferença pela solidariedade.
Abri ainda mais os nossos espíritos
e os nossos corações
às exigências concretas do amor
para com todos os nossos irmãos,
para que sejamos sempre mais
obreiros da paz.

Lembra-Vos, Pai de misericórdia,
de todos os que penam,
sofrem e morrem
na luta por gerar um mundo mais fraternal
Que para os homens de todas as raças
e de todas as línguas
venha o Vosso reino de justiça,
de paz e de amor.
E que a Terra se encha da Vossa glória.

Amém.



Telefoto

Em que consiste

A VERDADEIRA PAZ

RÁDIO-MENSAGEM NATALÍCIA DE PAULO VI

A nossa intenção é fazermo-nos eco de toda a doutrina da Igreja que, de algum modo, se relacione com a Mensagem de Fátima. A Mensagem de Fátima, aliás, é um «resumo do Evangelho» e, portanto, está de acordo com a doutrina da Igreja.

A Mensagem de Fátima é uma mensagem de paz quer por nos indicar os seus fundamentos — penitência e oração —, quer por nos anunciar o seu dom, dom de Deus.

Por esta razão publicamos, com relevo, as recentes mensagens de paz de Paulo VI: sobre a celebração do «Dia da Paz»; Rádio-mensagem natalícia de 23 de Dezembro de 1967; Homília de Natal de 25 de Dezembro de 1967; Mensagem de Ano Novo, 1 de Janeiro de 1968.

Continuaremos, nos próximos números, a publicar todos os documentos pontifícios referentes ao assunto e escreveremos alguns comentários pertinentes.

A todos os homens de boa vontade

«Irmãos, filhos, amigos, vós todos. homens de boa vontade.

A festa de Natal leva-Nos uma vez mais a considerar o tema da paz: e a mensagem que este aniversário põe em Nossos lábios para vós, para o Mundo, não pode deixar em silêncio o desejo de paz, trazido por Cristo a esta Terra, que tem tão grande desejo, tão grande necessidade de paz, mas que experimenta tantos obstáculos e ameaças, cada vez mais graves e mais temíveis, que parecem comprometê-la.

Permiti, irmãos, que o Nosso voto de Natal repita mais uma vez o que desceu do Céu nessa noite misteriosa do nascimento de Jesus Cristo entre nós, no solo deste átomo do Universo que é a nossa Terra e nesse momento preciso da trama milenária dos séculos que constitui a nossa História.

A nós, homens, seres privilegiados do Cosmos, pois que fomos marcados com a sublime semelhança de Deus, foi anunciada a paz, como dom que coroa todos os que recebemos com a vida presente, e que confere à vida o seu valor, a sua razão de ser vivida na dignidade e na felicidade. Paz a vós todos, irmãos, que sois objecto da benevolência criadora e redentora de Deus, paz neste dia bendito, que, por ser dedicado ao nascimento da Vida, a vida de Cristo, «Primogénito de todas as criaturas» (Col. 1, 15) e protótipo da Humanidade, quer transfigurar na Sua luz cada dia do nosso tempo, cada membro da família humana. Paz a vós, homens, que amamos, todos e cada um, em Cristo, a vós especialmente que pertenceis pela fé e pela caridade a esse povo que um mandamento muito suave e muito grave nos obriga a amar, muito mais do que isso, nos torna, em certa medida, capaz de amar como Nosso povo, e de guiar como povo cristão. Paz. Sim, paz a todos.

Uma série de perguntas

E enquanto este desejo, tão simples e tão carregado de sentido, salta do Nosso coração, uma série de perguntas, que nada têm de leve nem de fácil, parece vir perturbá-lo: que é afinal a paz? E se está a tal ponto ligada à perfeição da nossa existência, que é sempre necessário desejá-la como elemento que falta ou que permanece insuficiente? Bastará uma palavra de desejo para fazer aparecer a paz na nossa experiência existencial, ou, como o sabemos todos, não exigirá ela, antes, para ser real e durável, factores muito diferentes de belas palavras de amabilidade, e nesse caso, como consegui-la, como mantê-la, como fazer dela o ornamento estável e característico de uma civilização, como esta civilização moderna, que pretende ser a do progresso e da maturidade?

Onde estiver Cristo, está a paz do coração

Nós levantamos estas questões a fim de que, no seu dia de festa, demos à paz a parte de meditação que lhe cabe, ainda mesmo que essa meditação pudesse ter uma conclusão amarga — a que infelizmente tantas pessoas lhe dão por instinto ou por loucura — a saber, que é impossível alcançar a paz e mais ainda conservá-la e fazê-la florir em condições

cada vez melhores. Se assim fosse, os votos seriam uma irrisão e quase uma provocação ao pessimismo e ao desespero. Mas hoje a conclusão é muito diferente, pois que veio ao Mundo, para o salvar, Cristo «nossa Paz» (Éf. 2, 14), (Jo. 14, 27), para difundir em nós o seu espírito, cujo primeiro fruto é precisamente a paz (Gal. 5, 22): onde estiver Cristo, está a paz do coração. E o desejo do Apóstolo Paulo: «Que a paz de Cristo reine nos vossos corações» (Col. 3, 15). Onde quer que o Seu Evangelho seja recebido, a paz interior está, pelo menos virtualmente, instaurada, não apenas como uma promulgação de princípio, mas também como força misteriosa que estimula essa paz da alma, a faz nascer, a transforma de necessidade em dever, de desejo em dom e em sabedoria capaz de a gerar e de gozar dela.

Da paz exterior à paz interior

Esta simples reflexão introduz na Nossa fraternal mensagem de Natal o pensamento que vai hoje conferir-lhe uma nota especial. Ei-la: falámos muitas vezes de paz. Recentemente convidámos o Mundo a dedicar, no primeiro dia do ano civil, um pensamento especial à paz da família humana (o tema merece este retorno periódico e as condições perigosas do Mundo impõem-no a todo o momento). Mas, como cada um o pôde ver, falámos habitualmente da paz entre as nações, entre as classes sociais, entre os membros da comunidade humana. Falámos da paz exterior: da paz política, militar, social, comunitária, isto é, da paz que diz respeito ao justo equilíbrio nas relações entre os homens. Desejamos hoje — a espiritualidade do Natal a isso nos autoriza — convidar-vos a considerar uma outra paz, essa paz interior e pessoal que cada espírito humano deveria ou desejaria possuir em si mesmo, como a sua, como a expressão de uma síntese superior da sua própria personalidade e como a profunda e fecunda raiz da paz exterior.

Desejamos falar da paz do coração que é verdadeiro domínio de si e verdadeiro factor de virtude, de serenidade e de felicidade, verdadeira fonte de toda a palavra boa e ponderada na sua mais inteligente e mais forte expressão.

Várias formas de pseudo-paz

Irmãos, possuímos nós a paz no coração?

A resposta a esta pergunta é, por certo, difícil. Queríamos talvez iludi-la, por ser indiscreta. Queríamos desacreditá-la, comparando a paz do coração à resignação passiva daquele que, conhecendo a sua própria fraqueza e sabendo-se desprovido de coragem e de energia, «põe o seu coração em paz», abandonando-se a uma espécie de fatalismo intransponível, falso, sucedâneo da verdadeira paz da alma. Há homens, nobres e reflectidos, que queriam pedi-la à escola do melhor estoicismo, pretendendo libertar-se da experiência imediata das paixões perturbadoras e dos acontecimentos sempre inquietantes para se adaptarem, simultaneamente livres e ligados, à profunda realidade das leis naturais: uma insensibilidade viril e imperturbável relativamente às contingências desagradáveis e assim comparada com a paz do coração. Há, depois, na vida moderna, uma imensa gama de formas de pseudo-paz do coração: preten-

dem-se apaziguar as exigências íntimas do pensamento, desiludido por não alcançar a verdade, e do amor, desiludido por não conseguir a autêntica felicidade, com a indiferença pelas coisas da alma ou pelo narcótico de um cepticismo subtil, ou ainda lançando-se o Homem numa actividade febril e totalmente exterior, que considera vã toda a reflexão sobre o verdadeiro destino do Homem, ou ainda, infelizmente, buscando as experiências refinadas do prazer, ou ainda alardeando, com insolência, desprezo por todas as formas de vida social e civilizada.

A nostalgia da paz é natural em todo o homem

Será isso a paz do coração? Temos, ai de Nós, de responder: não. Em geral, o homem moderno não conhece a verdadeira paz. Mas a estima e o amor que Cristo nos pede que tenhamos para com todo o homem são tais, que queremos supor sempre que em toda a alma se abriga uma aspiração profunda e conatural, uma nostalgia, uma esperança de poder saborear um dia a verdadeira paz do coração, a paz autêntica, nova, a que nos liberta da nossa miséria comum, que nos faz sentir homens e filhos de Deus.

E Nós, sem nos adiantarmos agora em explicações que, além do mais, a Natividade torna quase instintivas, quereríamos anunciar em voz alta — ou melhor, com voz insinuadora, que soa, doce e persuasiva, dentro dos espíritos — que a paz do coração existe, é possível, está perto e se nos oferece, como o grande prazer do Natal. Sim, este é o Nosso voto e é hoje a Nossa mensagem.

Longos são os caminhos do coração

Quem a recebe? A quem Nos dirigimos especialmente. Diremos: a paz seja convosco, que sofreis, porque podeis ser consolados. Paz para vós, que tendes fome de pão e de justiça, porque os homens são declarados irmãos por Cristo (Mt. 23, 8) e quantos podem vos devem o alimento material e moral de que tendes necessidade. A paz seja convosco, que pensais e estudais, porque a verdade existe e o drama da vossa insana busca pode encontrar maravilhosas soluções: tudo devem ao Verbo, tudo é, pelo menos em certo grau, inteligível. A paz seja convosco, que tendes a ânsia de recto governo do Mundo, porque não é vão esperar que, finalmente, os homens compreendam que podem e devem amar-se e não armarem-se até à loucura de riscos fatais, nem combaterem-se, nem matarem-se.

Vós, irmãos, vereis a este respeito algo de simples e de maravilhoso: que a paz exterior deriva e depende, em grande parte, da paz interior. É preciso que a paz esteja primeiro nos corações, para que se realize nas instituições civis e nos acontecimentos históricos. O caminho pode ser longo, porque longos são os caminhos do coração e com frequência árduos e inacessíveis. São pessoais. São movediços. É certo mas tudo isto constitui o drama humano que precisamente o Natal enriquece com forças positivas e, por si mesmas, decisivas.

Não podemos trabalhar sem Deus

Sim, porque a paz é ordem. A ordem supõe uma perfeição de relações. Entre todas as relações. Entre

todas as relações de que a existência humana tem necessidade, a primeira, a indispensável, é a relação com Deus. Sabemos que estamos afirmando uma verdade que muitos homens de hoje recusam admitir: vive-se bem, mais ainda, melhor — dizem eles — sem religião, a qual é misteriosa, suscita problemas muito complexos, tira e não dá a paz ao espírito humano. No entanto, não, irmãos, temos necessidade insaciável de Deus, não podemos trabalhar sem Ele. Deus é necessário ao espírito humano. Deus é a nossa felicidade. Deus é a vida. Estar unido a Ele, estar reconciliado com Ele, estar dentro do plano da Sua vontade, comporta a nossa primeira paz interior. «Não há paz para os sem Deus», diz a Sagrada Escritura (cfr. Is. 48, 22.57, 21), ao passo que há paz para quem entrou na órbita dos desejos divinos:

«Na Sua vontade está a nossa paz», diz deliciosa e veridicamente Dante, nos umbrais do seu «Paraíso» (III, 85). Bem sabemos que este primeiro fundamento da paz interior e, por conseguinte, da paz exterior, é hoje impugnado. A religião, no seu sentido positivo e operante, nega-se-lhe a cidadania no solo e no reino de César, onde César é soberano e onde o laicismo pode ser um devido reconhecimento dos limites do governo temporal diante das fronteiras do Reino de Deus, mas também no reino do espírito onde a religião é chamada a afirmar o seu próprio reino, fonte da paz interior e, portanto, da exterior.

Mensagem que oxalá seja profética

Como pensar numa ordem social e internacional sem contar com uma ordem pessoal e moral nos homens que dirigem o Mundo e o compõem? Como pode ser sincera esta ordem pessoal e moral, segura e estável, se prescindir dos princípios absolutos e transcendentes que sômente a religião inspira e garante? A paz com Deus é o manancial da força moral, da fecundidade viril, da sabedoria fundamental, das quais pode brotar a paz entre os homens. Como encontrar a arte de pôr de acordo os homens, sem reconhecer o primado da fraternidade humana na política e sem dar valor ao perdão das ofensas recebidas ou recíprocas como princípio resolutivo dos conflitos humanos? E acaso não estão estes basilares critérios de paz terrena fundamentados nas doutrinas que só a religião pode sugerir e validar? A religião de Cristo, dizemos. A da Natividade. Não dizemos mais porque as Nossas palavras não são agora uma lição, mas sômente uma mensagem. Talvez esta seja profética. Queira-o Deus, na dupla visão, que um dia esta voz humilde, eco débil que anuncia o Natal, se escute e infunda no Mundo próximo de Cristo o prazer e a vitalidade nova e que já, desde agora, almas boas e crentes, impregnadas pelo espírito de Cristo, experimentem o inefável conforto da sua paz interior e possam dizer a si mesmas e testemunhar aos seus irmãos quão verdadeira, quão grande, quão promettedora é a paz que Cristo nos trouxe e que sem Ele o Mundo não sabe alcançá-la plenamente (cfr. Jo. 14, 27).

Para vós, irmãos, para vós, filhos queridíssimos, para vós homens de boa vontade, o voto natalício, para que a paz interior de Deus, a qual se sobrepõe a todo o entendimento, guarde os vossos corações e vossos pensamentos em Cristo Jesus (cfr. Fil. 4, 7) em cujo nome, do coração vos abençoamos.

HOMILIA DE NATAL

DE PAULO VI

«Irmãos, filhas e filhos que, no espírito do Natal nos escutam.

Vamos repetir-vos, fazendo-a Nossa, a mensagem do Anjo na noite santa do nascimento de Cristo: «Evangelizo vobis gaudium magnum». Trago-vos a boa nova de uma grande alegria, sim, irmãos e amados filhos e filhas, uma grande alegria: Natal é a festividade da alegria dos corações, da felicidade das famílias, da alegria da vida, que a sociedade procura e concede a si mesma. Olhamos esta felicidade com satisfação e abençoamos esta alegria que caracteriza o Natal e dá aos homens consciência do seu destino de felicidade e que procura dar-lhes algumas horas, alguma experiência de sereno e honesto bem estar.

Consideramos o nascimento de Cristo a razão e a honra de tornarem o Mundo feliz. E, se alguma vez a culpa de tornar a vida triste e infeliz foi atribuída à religião cristã, que prega a cruz como a única salvação, então repetimos as palavras evangélicas: a vinda de Cristo ao Mundo é uma fonte de verdadeira e grande alegria. Felicidade, plenitude de vida, certeza da verdade, revelação de bondade e de amor, esperança que se não desvanece — numa palavra: a salvação a que o Homem aspira — é finalmente concedida, está à nossa disposição, e tem um nome, um nome apenas: Jesus Cristo. Ele é o Profeta das bem-aventuranças; é o Consolador de todas as aflições humanas, é a nossa Paz, porque só Ele é o caminho, a verdade e a vida. O Evangelho — isto é: a boa nova, a anunciação que transforma em alegrias, verdadeiras alegrias, todos os sofrimentos humanos — ressoa hoje mais uma vez sobre a Terra. E, repetimo-vos, estamos felizes por sermos o seu fiel eco: proclamamos que a vinda de Cristo para o meio de nós é a ventura e a nossa felicidade.

A palavra felicidade, toda a gente sabe, é uma das que mais se usa, e abusa, no diálogo humano. A partir dela, os antigos elaboraram dissertações de uma filosofia de vida. O Homem moderno prefere tentar a experiência da felicidade, algumas vezes com descontrolada audácia. Hoje, em muitos sectores, há um frenesim de felicidade, de intensidade de prazer, de vida sem preocupações. A felicidade é confundida com prazer, e o prazer, com saciedade das coisas terrenas. Mesmo o trabalho, a forma mais nobre da actividade humana, tende algumas vezes para um bem-estar hedonístico, que assim o desacredita e lhe tira o seu significado. E o coração do Homem, como sabeis, um peregrino errando em direcção a esta felicidade imediata e auto-suficiente, que pode ser exterior ou interior, em vez de hinos de vitória, lança gritos de exasperação e desespero — talvez nunca a voz humana, isto é, a voz do pensamento, da literatura e da arte, tenham sido tão pessimistas como nos nossos dias. Pouco a pouco, à medida que o Mundo tem progredido para as suas modernas e maravilhosas conquistas,

o espírito do Homem caiu na vaidade de tudo e perdeu a linguagem da verdade sobre as coisas supremas, confiança na imortalidade e nos proveitos do progresso e do novo humanismo.

Levaria muito tempo a debater estas principais tendências do homem moderno, e esta não é a altura de o fazer. Mas podemos concluir que ele, o homem moderno, tem progredido enormemente nos caminhos para conquistar e desfrutar o Mundo em que vive, mas perdeu as razões autênticas e profundas que dão à vida o seu valor, o seu significado, a sua felicidade. Assim, atreve-se a denunciar o que julga ser a desilusão e o absurdo da existência humana.

Irmãos, filhos e filhas. Nós que seguimos Cristo, como Ele próprio nos assegurou, não caminhamos na escuridão. Cristo é a luz do Mundo. Quem olha para Ele vê os rumos da vida iluminados. Por vezes há estradas da vida difíceis e estreitas, mas são caminhos seguros, que não deixam de atingir o seu objectivo, o objecto da verdadeira felicidade.

Esta é hoje, repetimos, a nossa mensagem de Natal — uma mensagem de alegria cristã, por vezes moderada e reprimida pelas formas de alegria profana, mas amplamente compensada esta austeridade pela certeza, sobretudo, da superior sabedoria que informa a vida. Deste modo, dá o sentido da proporção que se restabelece entre o desejo humano, que olha para o infinito, e a arte de obter o que se deseja. Assim, a alegria cristã revela o segredo de se encontrar a si mesma em toda a parte, nas pequenas coisas do dia a dia, na vida do lar, no humilde, honesto e dignificado trabalho, no amor puro e fiel, na satisfação de tornar os outros bons e felizes, no sofrimento, com Cristo.

Alcança a maravilha que hoje muitos não sabem como atingir, a de combinar nos mesmos sentimentos e nos mesmos actos aquilo que agrada e o que é bom, o belo e o bom, a alegria de viver e a virtude de viver devidamente.

Irmãos, filhos e filhas. Não vos queremos demorar mais, mas renovamos o nosso desejo de descobrires no Natal a verdadeira fonte, a verdadeira razão da autêntica felicidade. E dado que não pode haver autêntica felicidade sem paz nos corações (como dissemos na nossa rádio-mensagem de Natal) e paz entre os homens (tema de tantas das nossas anteriores alocuções), o nosso desejo une-se hoje sem dúvida ao renovado desejo de paz: «Gaudium et Pax», alegria e paz, é a oração repetida pelo Apóstolo Paulo (Rom. 14,17. Gal. 5,22). Permitti que a nossa oração seja por vós e pelo Mundo, pois, mesmo nestes dias, a nossa ansiedade, as nossas preocupações e as Nossas esperanças estão centradas na paz.

Cristo é a nossa felicidade e a nossa paz, porque é o nosso Salvador. Com estas orações pela felicidade e pela paz no coração dos homens, desejamo-vos Feliz Natal e abençoamo-vos em nome de Cristo.»



Sua Santidade o Papa Paulo VI pronunciando a Homilia de Natal

Telefoto

MENSAGEM DE ANO NOVO

Irmãos e filhos. Homens que nos escutais. Paz. Nós vos anunciamos a paz. Nós vos desejamos a paz no Novo Ano.

Paz a todos vós aqui presentes, cidadãos desta Roma que quis exprimir e sancionar a sua civilização na sua «Paz Romana», fundada na universal extensão da igualdade de direitos aos seus cidadãos, ciosos e livres na sabedoria dinâmica das suas instituições jurídicas: sede conscientes e dignos de tão grande herança.

Paz também a vós, hóspedes da urbe, chegados da Itália e de outros países e reunidos aqui, não como forasteiros mas como amigos, para esta afirmação fraterna de elevado e comum sentimento humano.

Paz a todos aqueles que acolheram o nosso convite de dedicar este primeiro dia do ano civil ao grande ideal da paz, como que a fazer dele a esperança e o compromisso de cada um dos seus dias, de cada uma das suas actividades futuras.

A todos agradecemos, especialmente a vós, condutores de nações, a vós defensores de Justiça, a vós, professores e investigadores da Verdade e da Cultura, a vós, antigos combatentes que, pelas cicatrizes físicas e morais recebidas na vossa carne e no vosso espírito, sabeis, melhor do que ninguém, a conquista que é a paz; a vós, os jovens, os operários, a gente do povo, sincera e intuitiva sobre o que constitui verdadeiramente o bem da sociedade moderna, a todos vós agradecemos a vossa adesão a esta celebração comum.

Aonde quer que chegue hoje o eco desta palavra bendita, chegue também a nossa fraternal e paternal saudação e o nosso voto de paz, com tudo aquilo que ela deve trazer consigo: a ordem, a serenidade, a alegria, a fraternidade, a liberdade, a esperança, a energia, a segurança do bom trabalho, o propósito de começar de novo e de progredir, o bem-estar são e comum, e aquela misteriosa capacidade de fruir a vida, descobrindo-lhe a relação com o seu último princípio e com o seu fim supremo: o Deus da Paz.

E assim ficaria já esgotado este imenso e formidável tema se não fora que, só de pronunciar e repetir esta palavra mágica — Paz — palavra amiga e humana como nenhuma outra, surge no Nosso espírito um sentimento que não podemos calar, até porque quer sufocar o Nosso grito de paz e quase tirar-nos as esperanças que ela traz consigo. É o sentimento das dificuldades que se opõem a que se consiga a paz. As condições actuais do Mundo descobrem-nas e impõem-nas com uma força tal, que parecem fatais e insuperáveis. Por exemplo: a paz não existe hoje em várias partes do Mundo, em particular numa região geograficamente distante, mas espiritualmente tão próxima de nós: sabeis que nos referimos ao Vietname, e, embora examinando imparcialmente os interesses civis em jogo e a honra das partes em contenda, nos pareça que o caminho da paz está ainda aberto e é possível, ainda que complexa e gradualmente, eis que surgem novos e terríveis obstáculos que complicam, com novos problemas e novas ameaças, o difícil problema, aumentado os perigos, os remorsos, as ruínas e as vítimas. Nós, que quereríamos conjurar a tremenda e crescente desgraça de uma guerra, de uma guerra sem fim, atrevemo-nos a exortar as potências implicadas no conflito a que experimentem todas as tentativas que possam conduzir a uma solução honrosa da dolorosa controvérsia. Exortamos no mesmo sentido as instituições internacionais que tenham igual possibilidade.

Hoje mesmo conjuramos os envolvidos no conflito a que estabeleçam tréguas duráveis e sinceras à luta tão grave e desapiadada. Fôssem elas desejadas por todos, e não seria talvez praticamente possível que leais negociações restituissem a concórdia aos habitantes daquele querido e amável país, garantindo a sua independência e liberdade?

Assim os cremos. Assim os desejamos. «In Spe, contra Spem». Por isso nos consola a trégua de armas concedida por algumas horas, estabelecida para este dia de Ano Novo, secundando espiritualmente a jornada da paz: pequeno sinal, quase puramente simbólico, mas suficientemente cortês e significativo, e para Nós, como certamente para todos, muito agradável, como prenúncio de acontecimentos melhores.

Este tristíssimo caso do Vietname basta para demonstrar quanto é difícil a paz e quanto mais poderia ser consegui-la. É difícil a paz quando a contenda se torna ideológica. Nestas circunstâncias, a confusão de juízos e opiniões agrava a situação. O Mundo observa, apaixonado-se, deplora e comenta, procurando entender onde está a justiça. Na dificuldade de encontrar a boa solução, sente a tentação de considerar a paz uma utopia, digna de ser enumerada entre as melhores energias que movem a História, mas destinada a ficar sempre frustrada.

Este aspecto da paz — quer dizer, a dificuldade em a conseguir e em a manter — é o que principalmente nos leva a falar dela e nos obriga a declarar, mesmo contra todas as aparências: a paz é sempre possível. A paz é sempre obrigatória. Esta confiança e este dever são as determinantes da nossa campanha a favor da paz. Sim, a paz é possível porque os homens, no fundo, são bons e estão voltados para a razão, para a ordem e para o bem comum. É possível, porque está no coração dos homens novos, dos jovens, das vítimas dos conflitos humanos, dos feridos, dos fugitivos e assolados, das vozes das mães que choram, das viúvas e dos caídos, vozes que invocam todas a paz. Sim, é possível porque Cristo veio ao Mundo e proclamou a fraternidade universal e ensinou o amor. Decerto é difícil, porque, frequentemente e apesar das boas intenções, antes de existir nos acontecimentos e nas instituições externas a paz deve estar nas almas onde se aloja o egoísmo, o sonho de poder e de domínio, a ideologia do exclusivismo, do atropelo, da rebelião com a sede de vingança e de sangue.

Irmãos e filhos, é para a superação destas ideias desumanas, destes instintos de soberba e das paixões de guerra que se destina esta jornada de paz. E é para a formação de corações fortes na bondade e na compreensão de que todos os homens são irmãos, de que a vida humana é sagrada, de que a magnanimidade do perdão e a capacidade de reconciliação constituem uma excelsa arte social e política, que tende o nosso esforço para a vitória da paz.

Que valor tem o nosso esforço? Não será também uma diligência vã, que vá aumentar o número de tentativas frustradas? Assim seria, irmãos e filhos, se um auxílio superior, o de Deus, Pai bondosíssimo e misericordioso, o não inspirasse e apoiasse. É esse o auxílio que a oração pode obter e inserir na rede emaranhada das contendas humanas, para se solucionar de um modo inesperado e feliz. É a oração, pois, que vos convidamos — à oração com uma só voz e um só coração pela paz no Mundo.

Paz ao Mundo, em nome do Senhor.

Atenção à mudança de Telefone dos serviços de **FATIMA - 50**: Redacção, Administração e Distribuição, que passa a ser o

9 74 68

Rede de Torres Novas

Indicativo para ligação directa — 04

MISSIONÁRIOS PORTUGUESES LEVARAM A FÉ E A DEVOÇÃO MARIANA AO CEILÃO



Disse, em Fátima S. E. Cardeal Cooray, Arcebispo de Colombo, Ceilão, numa impressionante homilia, em 12 de Agosto de 1967

É um grande privilégio para qualquer um estar presente em Fátima para comemorar o jubileu do Cinquentenário das Aparições de Nossa Divina Mãe, neste abençoado lugar.

Para mim, pessoalmente, é por excelência, a ocasião de expressar publicamente a minha gratidão para com a terra portuguesa tão abundantemente abençoada pela Virgem Maria.

Peço desculpa, ao fazê-lo, de incluir uma referência íntima nesta homilia. Não que eu vá falar da minha humilde pessoa. Mas tenho de falar da minha Pátria, o Ceilão. Vou narrar-vos uma página arrancada à história da Igreja no Ceilão, uma página que redonda na glória de Portugal e proclama as glórias de Maria, especialmente a Sua Maternidade espiritual, a sua maternal protecção e solicitude que, segundo a grande Enciclica «Signum Magnum» transcende os limites do tempo e do espaço.

Ceilão é uma grande e linda ilha situada no topo sudeste da Índia. No estrangeiro é conhecida pelo nome de Ceilão; no nosso idioma chamamo-la Lanka. Foi por meio dos filhos de Portugal que a fé cristã, em 1505, nasceu nas nossas terras. Durante 150 anos, os Missionários Portugueses, Franciscanos, Dominicanos, Agostinianos e Jesuítas, trabalharam para espalhar e consolidar a fé na nossa Ilha natal. Tão sólidos foram os alicerces que eles lançaram e tão profundas as raízes da Árvore da Vida que eles plantaram, que 150 anos de duras perseguições dos Calvinistas holandeses não puderam arrancar a fé do nosso povo. Duas grandes heranças nos deixaram os Missionários Portugueses juntamente com a verdadeira fé: a devoção ao Santíssimo Sacramento e a devoção à Bemaventurada Mãe de Deus.

É acerca da devoção à Bemaventurada Mãe que eu desejo falar mais detidamente. Não pretendo provar a maternal ternura com que a Virgem tem correspondido à devoção do nosso povo para com Ela. Lembrarei apenas duas coisas.

A primeira está escrita no livro do historiador português Fernão de Queirós, intitulado «A Conquista do Ceilão». Refere-se à invasão vinda do Sul da Índia. O ataque foi de surpresa e o número dos atacantes era imensamente superior à pequena guarnição portuguesa do lugar. Mas os invasores foram, surpreendentemente, repelidos. Eis as próprias palavras de Queirós:

«Eles contaram depois que, quando desembarcaram, lhes apareceu uma bellissima mulher com um menino de extraordinária beleza que lhes disse: «Pobres homens, chegastes a um reino que é meu, porque sou a sua Patrona e Protectora. Mas como haveis chegado aqui, aqui deveis ficar». Isto sempre foi considerado como um sinal de confiança e confirmado como tendo sido a Virgem, a Senhora dos Milagres. Sob esta invocação, Maria começou a ser honrada, nesta região, desde essa altura.

A segunda aconteceu nos nossos dias. Foi durante a última Guerra Mundial. O futuro não se apresentava brilhante para as forças aliadas. No leste a armada inglesa foi duramente batida senão destruída pelos japoneses. O grande bastião de Singapura tinha caído. Todo o Oceano Índico tinha ficado aberto aos japoneses. A posição estratégica do Ceilão, no meio do Oceano Índico, tornou a nossa Ilha numa importante presa.

Foi em 1940. Naquele momento crítico, o então Arcebispo de Colombo, Mons. J. Mason, O. M. I., meu imediato predecessor, foi à pequena capela de Nossa Senhora de Lourdes, não longe da cidade de Colombo e fez um voto a Nossa Senhora: «Se o Ceilão fosse poupado aos horrores da guerra, a Virgem Imaculada seria proclamada Nossa Senhora de Lanka (e a Rainha do Ceilão) e seria erigida uma capela Nacional Votiva em Sua honra, naquele lugar.»

A temida invasão começou em 1942. A frota que avançou, segundo as crónicas, era igual à que atacou Pearl Harbour. Os poucos soldados britânicos que restavam eram velhos e mal armados. A força aérea do Ceilão reduzia-se a doze aviões. Os japoneses fizeram um raide aéreo sobre o Ceilão: a maior parte dos já referidos barcos ingleses foram afundados e muitos dos aviões britânicos caíram. Os japoneses teriam podido invadir o Ceilão e o Ceilão seria deles. Mas, por qualquer misteriosa razão, eles não quiseram desembarcar. Os especialistas militares não conseguiram explicar o motivo. O facto é que eles retiraram-se e o Ceilão salvou-se.

Mas isto não é tudo. A desistência de invadir o Ceilão, segundo os especialistas, voltou do avesso toda a guerra. Se o Ceilão tivesse sido ocupado, os japoneses teriam facilmente dado a mão às forças combinadas dos nazistas e fascistas no Egipto e à força avançada do nazismo que já estava pronta nos portos do Mar Negro. Isto teria colocado as forças aliadas numa posição difficilissima no oeste, impossível mesmo.

Os Comandantes aliados compreenderam a posição estratégica do Ceilão e fortificaram a Ilha em pleno com homens, armas e aviões, de forma tal que ficou a ser conhecida como a ilha de apoio da aviação. Nunca mais se temeu qualquer invasão: Ceilão foi salvo dos horrores da guerra muito antes da terrível tragédia de Hiroshima, 15 de Agosto de 1945, ter posto fim ao conflito.

Nós atribuímos esta salvação a Nossa Senhora. Em cumprimento do seu voto, o Senhor Arcebispo Mason obteve do Santo Padre a aprovação do nome «Nossa Senhora de Lanka» para a Virgem Imaculada, em 1946 e pouco depois, ou seja em 1948, por um Breve Apostólico, Maria Imaculada, sob o título de «Nossa Senhora de Lanka», foi proclamada Padroeira principal de toda a Ilha. A segunda parte do voto ou seja a erecção do santuário, foi deixada ao sucessor do Arcebispo Mason e é ele quem vos vai contar, hoje, o acontecimento.

AQUI começou um novo contacto com Portugal, 450 anos depois. Foi durante uma especial viagem com a Virgem de Fátima. A primeira pedra para a construção do novo santuário foi cortada no dia em que a Imagem da Virgem Peregrina de Fátima deixou o Ceilão após ter percorrido toda a Ilha. A Imagem foi colocada no meio do

sítio escolhido, sobre um pedestal belamente decorado e, então, sob a protecção de Nossa Senhora de Fátima, as obras do Santuário iniciaram-se no dia 15 de Julho de 1950.

Outro importante ponto de contacto com Fátima deu-se quando a Imagem de Nossa Senhora de Lanka deveria ser esboçada. Voltámo-nos para a terra donde esta devoção mariana tinha vindo. A inspiração foi tirada das Aparições de Fátima e a Imagem, de madeira de cedro, foi esculpida em Fátima, pelo grande artista que esculpiu, segundo orientações de Lúcia, a Imagem da Virgem Peregrina que deu a volta ao Mundo. Existe, não obstante, uma pequena diferença. Nós não quisémos esquecer a narrativa de Fernão de Queirós. Assim, embora a figura da Virgem tenha a feição de Nossa Senhora de Fátima, tem nos Seus braços « Menino de grande formosura » mencionado pelo historiador, o Menino Jesus. Isto deu à Imagem uma típica expressão local: porque, nos dois idiomas nativos, Sinhala e Tamil, o nome vulgar de Maria é «Deva Meniyo» ou «Theva Matha», que significa «Mãe de Deus». A Mãe e o Filho, tradicionalmente juntos. Mas a relação com Fátima ainda se mantém, porque o próprio Jesus segura numa das mãos o Rosário de Fátima enquanto, com a outra, aponta para Sua Mãe.

Neste momento eu quero expressar os meus agradecimentos muito particulares ao meu bom amigo, Sua Excelência o Bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio: uma vez que o artista propôs um preço exorbitante para o seu trabalho, Sua Excelência, que então ainda não era Bispo, interveio a nosso favor e conseguiu-nos uma razoável redução. Eu só pude tomar conhecimento desta sua intervenção, muito mais tarde, quando nos encontrámos no Concílio Ecuménico. Tive, igualmente, a grande alegria de me associar a ele no grande privilégio de concelebrar a Missa com o Santo Padre no dia da clausura da Terceira Sessão do Vaticano II, em que foram concelebrantes os Bispos representantes dos grandes Santuários Marianos do Mundo.

Não quero passar por alto outro acontecimento verdadeiramente providencial. Esta Imagem de Nossa Senhora de Lanka foi levada a Roma e benzida pessoalmente pelo Papa. De Roma, voltou a Lisboa. De Lisboa foi Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca que a conduziu pessoalmente a Goa onde foi como Legado Papal para a última exposição do corpo de S. Francisco Xavier. Ali, na pequena igreja de Goa realizou-se uma tocante cerimónia. A Imagem de Nossa Senhora dos Milagres, mencionada por Queirós, foi levada, na ocasião, da sua vizinha capela e colocada num altar especialmente decorado. (Os Missionários Portugueses tinham-na levado com eles quando foram compelidos a abandonar a nossa Pátria em 1658 após a captura da nossa Ilha pelos Holandeses.) A Imagem de Nossa Senhora de Lanka foi colocada num altar idêntico. O passado e o presente da Igreja do Ceilão parece ter-se dado um cordial abraço quando eu, como Metropolitano do Ceilão, acompanhado de um grande número de peregrinos do Ceilão, tive o privilégio de receber das mãos de Sua Eminência a nossa nova Veneranda Imagem. Era a mesma Imaculada Mãe, então sob a invocação de Nossa Senhora dos Milagres, e, agora, sob o nome de Nossa Senhora de Lanka. O nosso mais vivo desejo e esperança é que, um dia, a antiga Imagem de Nossa Senhora dos Milagres regresse ao Ceilão.

A nossa peregrinação voltou ao Ceilão cheia de gozo e de gratidão com o novo tesouro. À chegada, a Imagem foi recebida por toda a Hierarquia juntamente com uma imensa multidão de fiéis, tendo-se feiro representar o próprio Governo e as Forças Armadas. Foi, na verdade, uma reentrada triunfal de Maria, a Mãe de Deus, no Ceilão, Seu Reino, como sua Rainha, como Nossa Senhora de Lanka, desde a terra da origem da Sua devoção no Ceilão — Portugal, Fátima. Maravilhosos são os caminhos de Deus e de Sua Divina Mãe, (Deixamos as referências às obras de construção do Santuário. N. T.)

MAS as relações do nosso Santuário votivo no Ceilão com as Aparições de Fátima, continuam de modo maravilhoso, sob a advocação de Nossa Senhora de Lanka. O nosso ideal é fazer da devoção no nosso Santuário, uma contínua repetição da Mensagem de Fátima: penitência e oração.

Com esta finalidade, foram criadas duas instituições: uma, ao lado do Santuário, é Convento das Irmãs Clarissas cuja vida é de penitência e oração. Ao outro lado está o Convento da Congregação Diocesana de Contemplação de Irmãs nativas, chamadas do Rosário: o jejum e abstinência diários, juntamente com duro trabalho manual, faz parte da sua vida de penitência. A sua oração especial é o Terço: dia e noite, excepto durante a Missa e a reza do ofício divino, as Irmãs, de duas em duas, revezam-se na recitação do Rosário meditado, diante do Santíssimo Sacramento, de braços em cruz. A sua vida é a autêntica personificação da Mensagem de Fátima, que é de penitência e oração (especialmente o Rosário).

Os nomes dos dois conventos põem em relevo esta ideia: o das Clarissas Pobres chama-se Mosteiro de Maria Imaculada; o das Rosarianas, Convento de Maria Reparadora, enquanto o Santuário proclama o reinado de Maria e a Sua Veneranda Imagem o Seu Maternal amor — O Coração da Mãe.

Esta modesta narração teve lugar, hoje, diante de vós, como humilde expressão da gratidão do Ceilão à nobre Nação Portuguesa pelo seu presente da verdadeira fé que entre nós nasceu há 450 anos e pela terna devoção para com a Mãe de Deus que os Seus filhos missionários ensinaram aos nossos antepassados e nos deixaram como herança. Ao mesmo tempo é um pedido para que a protectora mão da Virgem Mãe se estenda sobre todos os Seus pobres filhos em todo o Mundo. Possa ser também, para nós, um estímulo para levar e espalhar pelo Mundo inteiro, sem limites de tempo ou de espaço, a Mensagem de Fátima para que o Mundo seja defendido do ateísmo comunista e protegido contra os horrores de uma guerra atómica.

Mais, nos nossos temíveis dias do poder das trevas, não podemos encontrar mais forte defesa do que Maria. Na nossa Pátria são ainda frequentes os casos de possessão diabólica. Nos exorcismos temos verificado que, na maior parte dos casos, a Imagem de Nossa Senhora é mais eficaz do que o próprio crucifixo.

O espírito maligno decaiu.

A explicação parece ser certa: o espírito maligno, de natureza angélica, possui uma poderosa inteligência. Sendo assim, ele sabe que não pode lutar contra o Deus Omnipotente. Ser submetido pelo poder de Deus, não representa para ele qualquer humilhação. Mas Maria é um ser humano, inferior a ele na ordem da natureza. Para ele, ser submetido por um ser humano e, sobretudo quando este é uma frágil mulher, constitui uma vergonha que não pode suportar. Porém, a Virgem Imaculada foi dotada por Deus com o poder de esmagar a cabeça da serpente infernal. Antes de sofrer tal humilhação, o espírito de soberba prefere retirar-se ante a presença de Maria.

— Sua Eminência terminou a sua homilia com esta oração: Amantíssima Mãe de Deus, Rainha do Universo, Mãe da Igreja, Nossa Senhora de Fátima, Vós que, na glória, sois mais formosa do que a Lua e mais brilhante do que o Sol; Vós que sois mais poderosa que um exército preparado para a batalha, olhai com piedade para os Vossos filhos neste vale de lágrimas. O Jesus, pela Sua maternal intercessão, dai a paz ao Mundo e salvai-o do cataclismo da guerra; protegei e fortalecei a Igreja; perdoai os nossos pecados, salvai-nos do fogo do inferno e levai todas as almas para o Céu, especialmente as que mais precisarem de piedade. Amém.

AS PROMESSAS DE NOSSA SENHORA EM FÁTIMA

CÓN. BARTHAS

(continuação do número anterior)

SEGUNDA PROMESSA:

TEREIS PAZ

COMECEMOS ainda por citar uma palavra de Pio XII que escutámos em Fátima, por meio da rádio, juntamente com um milhão de peregrinos, no dia 13 de Outubro de 1951, durante a Missa de clausura do Ano Santo Mundial que terminava o Congresso de que já falei antes: «Sob o olhar da Virgem Peregrina, já não há antagonismos de nacionalidades ou de raças que dividem; já não existem diversidades de fronteiras que separam; já não há interesses que oponham os seus filhos; todos, nesse momento, se sentem felizes por serem irmãos. Espectáculo singularmente impressionante que faz conceber as mais risonhas esperanças».

Este grande Pontífice agradecia desta forma Aquela que ele tinha coroado como Rainha do Mundo e da Paz por ter, finalmente, conseguido que os inimigos da Guerra Europeia tivessem deposto as armas.

Estas maravilhas de muros que se abatem ou de lutas que terminam, tentámos nós expô-las num opúsculo intitulado «Fátima e os destinos do Mundo». Mas não pude senão resumir-las. Em 18 de Junho de 1947 tendo a Virgem Peregrina percorrido Portugal e a Espanha entre entusiasmos e prodígios que chamaram a atenção da Imprensa Mundial, chegou à fronteira hispano-francesa de Hendaia. Ali, parece que a polícia tinha recebido ordens para não deixar entrar na França. Mas, perante o fervor do povo basco, oficialmente dividido em dois por uma fronteira, as dificuldades administrativas foram vencidas e a preciosa Imagem pôde atravessar a ponte internacional com um visto alfandegário para a Bélgica, como uma mercadoria. Três semanas depois a fronteira foi completamente aberta do Mediterrâneo ao Oceano.

Esta fronteira havia estado completamente fechada durante onze anos, primeiro por causa da guerra civil da Espanha e a seguir por causa da guerra mundial, e, enfim, por via do desentendimento entre os dois governos. Nossa Senhora foi a primeira a abrir este muro de ódio que durante tanto tempo jamais tinha sido franqueada por qualquer pessoa, nem mesmo por uma simples carta.

Como não sublinhar o modo delicado como Nossa Senhora deu, à Administração francesa, uma lição de caridade internacional? Dos dois lados da linha branca que divide a ponte sobre o rio Bidassoa, a Rainha da Paz foi cantada com o mesmo fervor e até com idênticos cânticos numa mesma língua, a basca. A nossa Mãe comum recorda-nos, assim, que as nossas fronteiras jamais devem ser o que São Paulo chama um «muro de separação e de inimizade» mas um lugar de encontro fraternal. Desejamos que na Europa todos se aproximem, pouco a pouco, deste ideal.

Tendo atravessado a França de incógnito quase absoluto, excepto um modesto triunfo em Lourdes em 4 de Julho, (incógnito de que julgo prudente não revelar as causas nem os responsáveis), a Virgem foi triunfalmente recebida na Bélgica, onde Ela suscitou um movimento de fé comparado, pela Imprensa, ao das Cruzadas. Passando à Holanda, Ela presidiu em Maestricht a um Congresso Mariano de três nações: Holanda, Bélgica e Luxemburgo as quais assinaram, no próprio dia da clausura (coincidência admirável) o chamado tratado BENE-LUX do qual se pode esperar que sairá esta Europa «Vaticana» que tanto horror e medo causa aos nossos franco-massónicos, mas que é indispensável à paz

do Mundo e tão desejada pelos nossos últimos Papas. (Cfr. Pie XII, Jean XXIII, Paul VI parlent de l'Europe, opúsculo, Secretariado de Informação das Comunidades Europeias, 61, Rue des Belles Feuilles, Paris, (XVI^o).

PASSEMOS à Africa onde, então, ainda não existiam dificuldades de fronteiras. Assinalemos, no entanto, que durante a estadia no Quênia, o chefe dos terríveis Mau-Mau se converteu na prisão e que a insurreição terminou.

Quando, em Dezembro de 1949, o avião de Nossa Senhora aterrou em Goa, travava-se uma guerra civil sangrenta entre muçulmanos e hindús, porque as fronteiras entre o Paquistão e o Hindustão, após a saída da administração inglesa, não ficaram bem delimitadas. Um missionário, vindo em gozo de férias, contou-me o horror dos massacres nas cidades. No próprio dia da chegada da Virgem ao solo indiano, as guerrilhas mortais atenuaram-se: depois iniciaram-se as negociações de paz. Quando o comboio, adornado com flores, conduzindo Nossa Senhora, chegou à fronteira do Paquistão, como se Ela mesmo tivesse aberto as portas deste País, a paz foi assinada nesse mesmo dia. Foi por isso que os paquistaneses A festejaram tão bem: Ela levará-lhes a paz.

A Coreia, uma imagem levada por um capelão militar americano, chegou na Quinta-feira Santa de 1953, entre o fragor daquela guerra que se temia explodisse em guerra atómica. Os soldados católicos quiseram congregar-se ao Coração Imaculado de Maria e celebrá-la em todos os seus batalhões até à frente da batalha. No dia exacto em que a Virgem, tendo acabado o Seu circuito, reentrou na catedral de Seul, o armistício foi assinado.

UMA maravilha mariana de pacificação da qual pouco se tem falado — pelo menos neste aspecto — na nossa imprensa francesa, é a peregrinação militar internacional a Lourdes. Em 1950, dois capelães militares franceses foram em peregrinação a Fátima. Foi lá que eles tiveram a inspiração? De qualquer modo, no ano seguinte eles conceberam projecto no qual antes ninguém tinha ousado pensar. À peregrinação anual do exército francês, inaugurada quase imediatamente, eles convidaram a juntar-se os soldados de outras nações, mesmo daquelas que antes foram inimigas.

Contra toda a expectativa, a ideia não encontrou, de todos os lados senão entusiasmo. Agora, podem ver-se, todos os anos, mais de trinta mil soldados de mais de vinte nações, reunir-se diante da gruta para pedir a Deus, não a vitória das suas armas, mas a paz das nações e é mesmo no local onde antes se via um rico monumento erguido à «vitória dos aliados»!... Por isso, estes militares têm atravessado em uniforme dezenas de fronteiras, sem qualquer outra formalidade que a declaração de irem a Lourdes rezar pela paz. Tal coisa era inconcebível antes, pois os dois capelães de que falei, ao seu regresso de Fátima, encontraram na sua caixa de correio uma severa admoestação do nosso capelão nacional por terem atravessado duas fronteiras sem a licença regulamentar para os militares... e eles que tinham viajado de batina!...

Eis o que se acrescenta, felizmente, às «risonhas esperanças de paz» de que nos falou Pio XII em 1951. Depois de se terem vencido os terríveis e perigosos dias que vencemos, não haverá, realmente, motivo para agradecer à Rainha da Paz?

FÁTIMA E A CRÍTICA

O Rev. Pe. Dr. Joaquim Maria Alonso, C. M. F., nosso distinto colaborador e encarregado por S. Excia. Revd.m.a. o senhor Bispo de Leiria, de escrever a história crítica de Fátima, foi abordado por um redactor do jornal francês «L'HOMME NOUVEAU» para lhe conceder uma entrevista a este propósito e ainda para o esclarecer sobre certas dúvidas que por aí circulam a respeito das Aparições de Fátima e da sua Mensagem. Esta entrevista, publicada no n.º de 19 de Novembro de 1967 do referido jornal, depois de termos nós falado pessoalmente com o Dr. Alonso, vamos resumir aqui nas suas passagens principais.

O Dr. Alonso começa por explicar o motivo pelo qual foi encarregado desta monumental obra: «Há anos que eu preparava, pacientemente, uma história sobre a devoção ao Imaculado Coração de Maria. Chegando o momento de me enfrentar com o caso de Fátima, fui a Leiria para me documentar e, perante a gravidade da problemática do tema, tive de alargar o panorama da minha investigação. Este tema ocupa um lugar assás importante nas Aparições e na Mensagem o que nos obriga a fazer um estudo global dos fenómenos... Foi então que o senhor D. João Pereira Venâncio me pediu que me encarregasse deste estudo, o que, na verdade, me encantou... Impossível descrever a abundância de arquivos e documentos que encontrei a este propósito e também as dificuldades em contactar directamente com todos eles, dispersos como estão por vários países do Mundo, como a Itália, Alemanha, Espanha, França, Brasil e, naturalmente, Portugal... O «dossier» de Fátima é de um volume tal e de tal importância que não admite comparação com nenhuma das manifestações carismáticas da história da piedade católica... Além disso devemos contar com o documento mais importante de todos que consiste na própria protagonista das aparições ainda viva, Lúcia dos Santos...

... Estamos plenamente convencidos que é possível, hoje, estabelecer conclusões histórico-críticas valiosas... Esperamos, desta forma, que os livros do futuro sobre Fátima, possam evitar a repetição de certos erros dos livros precedentes...

... O título da minha obra será: «FÁTIMA, HISTÓRIA E MISSÃO» e terá, como subtítulo: «Estudo de crítica histórica». Este título exprime bem o conteúdo da obra. Não se trata apenas de descrever os factos mas também de fazer uma crítica dos textos que contêm a Mensagem que Fátima oferece à Igreja... Trata-se de uma história religiosa que deve observar-se nesta tríplice dimensão: a intervenção de Deus dirigindo o Seu povo pelos caminhos da salvação, que é como que a conclusão da obra, precedida do estudo destas outras duas dimensões: o meio histórico e as personagens que intervieram... Mas convém saber que o nosso trabalho é fundamentalmente histórico e não teológico...

Documentos tão numerosos, obrigam-nos a uma escolha conscienciosa e verdadeiramente crítica, mas garantimos que oferecemos aos leitores todos os textos fundamentais do caso... Não sou contra a apologética, mas o meu trabalho não é propriamente apologético senão fundamental e essencialmente HISTÓRICO, CRÍTICO, DOCUMENTAL... A respeito daqueles autores que se consideram historicamente sérios mas têm falado com tanta superficialidade de Fátima, o menos que eu posso dizer é que não só não conheciam os textos nem o idioma em que estavam escritos e, ainda, o que é mais grave, falsificaram, tendenciosamente, os autores intermediários de que se serviram...

Sobre as interpretações que por aí correram a respeito da visita de Paulo VI a Fátima, devo dizer o seguinte: «Afirmou-se que Fátima é anti-conciliar, anti-ecuménica, reacçãoária, retrógrada e triunfalista. Assim falaram, por exemplo, «Réforme», «Nuovi-Tempi», «Les Informations Catholiques Internationales». Este jogo de palavras estafadas não me parece sério. O mais grave, porém, é que se põem em dúvida princípios essenciais. Não se trata somente de questões de pastoral ecuménica ou de «aggiornamento», trata-se de princípios. Foi um dos aspectos da crítica a Fátima que o «Figaro» esqueceu. A fé verdadeiramente viva não se alimenta de fórmulas abstractas. Se a piedade católica tradicional, bem fundamentada na mariologia católica, atingiu formas tais de manifestação como as de Fátima, deve-se, porventura renunciar às mesmas por «caridade para com os nossos irmãos separados?». É um caso muito delicado de prudência que aqui entra em jogo, mas não são os teólogos profissionais que nos podem dar uma resposta clara a esta questão tão complexa. Até que ponto deve a suprema autoridade da Igreja respeitar os princípios estabelecidos pelo Concílio Vaticano II para não ferir a susceptibilidade dos nossos irmãos separados? A resposta é simples: até ao ponto em que outras razões de princípio ou de motivos pastorais graves não exijam o contrário. E o que é ainda mais grave: até onde e em que medida esta mesma autoridade suprema pode conter os impulsos do Espírito que clama, com gemidos inenarráveis, no coração dos fiéis católicos: «Abba» — «Pai» e igualmente os leva a chamar: «Mãe! Mãe!», quando se voltam para a Virgem Maria? ... Como podem ter visto os autores dos artigos «as publicações referidas um anti-ecumenismo ou anti-conciliarismo em Fátima? ... Os milhões de católicos que acompanharam o Papa Paulo VI, Peregrino de Fátima, não viram no gesto do Sumo Pontífice senão um modo tradicional de agir da parte da Igreja, que os reconfortou enormemente...

Eis como eu vi a visita de Paulo VI a Fátima: Como historiador, senti que todas as minhas categorias mentais do passado, do presente e do futuro histórico, se desvaneceram diante do gesto paternal e bom do Santo Padre, Pai de Família que nos apresentou à Virgem cheia de graça para que todos nós nos unissemos a Ela; que o passado de Fátima, os seus cinquenta anos exactos pelo relógio do tempo, se reduziam a uma hora «zero» presente que nós devemos reter e tornar eterna. E todo o futuro de Fátima está como que resumido e garantido neste minuto exacto e precioso».

Agora umas palavras breves sobre uma nossa pergunta pessoal ao Dr. Alonso, depois de termos lido esta entrevista e após outros diálogos havidos com ele como historiador. Perguntamos-lhe: «Depois de ter estudado criticamente, historicamente, abstracto, teoricamente da sua qualidade de homem de fé, de homem da Igreja, a história de Fátima, a sua crença nas Aparições e na Mensagem é mais firme, mais piedosa, ou simplesmente teórica? A resposta foi, sem qualquer hesitação, a seguinte: «Não só fiquei mais convencido da veracidade das Aparições, da autenticidade da Mensagem, como me sinto mais ligado a Nossa Senhora, com uma fé mais viva e uma piedade mais ardente para com o Seu Imaculado Coração. Sinto-me com mais vontade e com mais força para gritar que daqui nos vem o sinal de salvação para a Igreja e para o Mundo do nosso tempo e do futuro».



**PEREGRINAÇÃO DE ANTIGOS COMBATENTES
«REQUETES»**

«Vimos orar para que o nosso trabalho de cada dia seja um serviço à tarefa de construção destas novíssimas estruturas políticas de que o Mundo moderno carece» ... Assim rezou, diante da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, na Capelinha das Aparições, Dom Xavier de Burbon Parma, Rei Carlista, acompanhado de sua esposa Dona Madalena e dos Príncipes D. Carlos Hugo e sua esposa D. Irene, Princesas D. Maria Teresa, D. Maria Cecilia, D. Maria das Neves e Príncipe D. Sixto.

Ao redor, milhares de boinas encarnadas tornaram a praça sagrada num como que campo de papoilas



em pleno Inverno. Os antigos combatentes dos famosos «Tercios de Requetés», acompanhados pelos seus familiares e muitos jovens adeptos, vieram em peregrinação de penitência e oração, a Fátima, para implorar de Nossa Senhora a paz para o Mundo e um clima de justiça social conforme os ensinamentos da Igreja.

Os Príncipes foram recebidos com delírio e entusiasmo indescritível, fora do recinto sagrado, sendo vitorizados em todos os idiomas e dialectos falados na Espanha, pois vieram «requetés» de todas as províncias do País vizinho.

Aos pés da Virgem, Irene e Carlos Hugo depuseram dois belíssimos ramos de rosas vermelhas e amarelas, as cores nacionais da Espanha, e ajoelharam-se para uma fervorosa oração. Não foi difícil conter o entusiasmo daqueles antigos combatentes, sendo até exemplar a sua compostura e piedade.

Na Basílica foi concelebrada a Missa a que presidiu o Rev. Pe. Edistio Sancho, capelão da Irmandade dos Antigos Combatentes, o qual proferiu uma alocução alusiva ao acto. Serviram ao ofertório e lavandas, Suas Altezas Dom Xavier e Dona Madalena.

A tarde, num dos salões do Santuário, celebrou-se uma cerimónia comemorativa durante a qual foram entregues as insígnias da Ordem da Legitimidade a 29 antigos combatentes e a Grã Cruz da mesma Ordem ao Príncipe Dom Carlos Hugo, D. José Maria Valiente, antigo chefe Nacional da Comunhão Tradicionalista, e a D. Manuel Falconde o qual foi também nomeado Duque de Quintillo, povoação andaluza onde, pela primeira vez, os «Requetés» desfilaram em ordem de combate, quando chamados a participar na Cruzada de Libertação Espanhola em que se distinguiram igualmente milhares de portugueses, muitos deles ao lado dos «requetés», pelo que, um deles, presente, Sr. Vicente Saraiva Martins, foi também condecorado.



- Em cima, à esquerda
Também os pequenos são educados segundo os princípios "Deus, Pátria e Rei"
- Em baixo, à esquerda
Suas Altezas Dona Madalena e Dom Xavier de Burbon Parma
- Em cima, à direita
Príncipes Irene e Carlos Hugo
- Em baixo, à direita
Os Antigos combatentes e os jovens "Requetés", rezam à Virgem de Fátima





Mesa da presidência da Conferência Episcopal da Metrópole

28 BISPOS PORTUGUESES

A Conferência Episcopal da Metrópole teve, em Fátima, a sua quarta reunião deste ano.

Vinte e oito Bispos, residenciais, auxiliares e resignatários, estudaram juntos, sob a presidência de S. E. Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, desde o dia 11 ao dia 15 de Dezembro, importantes assuntos relativos à vida da Igreja em Portugal.

Temas de realce, foram, por exemplo, o dos emigrantes, sobre o qual já foi dado à estampa o importante documento de pastoral que ali se redigiu definitivamente; o do apostolado dos leigos e A. C. em particular, sobre o qual também se preparam notas especiais.

Os Prelados em reunião de trabalho

Os Prelados Portugueses quiseram fazer constar a sua solidariedade colectiva com as vítimas da catastrófica inundação dos arredores de Lisboa, por alma de cujos mortos celebraram a Missa do dia 13, como referimos noutra local deste número, e a favor dos prejudicados determinaram que se fizesse uma colecta nas respectivas dioceses.

Secretariaram a reunião o Senhor Bispo de Telepte, Dom Manuel Franco Falcão a quem se devem as amáveis notas para a Imprensa, e Mons. Sezinando de Oliveira Rosa, Director do Secretariado Geral do Episcopado.

O Núncio Apostólico em Portugal, Mons. José Maria Sensi, veio a Fátima, particularmente, para cumprimentar os Bispos Portugueses aqui reunidos.

MINISTRO ALEMÃO EM FÁTIMA

No dia 17 assistiu à Missa do meio dia na Basílica, o Sr. Dr. Bruno Heck, Ministro do Governo Federal da Alemanha para os Assuntos da Família e Juventude, e personalidade notável na Alemanha de hoje.

O ilustre peregrino veio com sua esposa e diversos membros da Embaixada Alemã em Lisboa e na companhia do Senhor Ministro das Corporações do Governo português, e dos governadores civis de Santarém e de Lisboa.

Depois da Missa apresentou cumprimentos ao Ministro da Alemanha, Ministro português e seus acompanhantes, o Reitor do Santuário, Mons. Antunes Borges, que foi o celebrante.

Os ministros estiveram na Capela das Aparições a orar diante da imagem da Virgem de Fátima.





A imagem de Nossa Senhora de Fátima é colocada na sua Capelinha

PEREGRINAÇÕES

13 DE DEZEMBRO

O EPISCOPADO PORTUGUÊS PRESIDE ÀS CERIMÓNIAS DA PEREGRINAÇÃO MENSAL E REZA PELAS VÍTIMAS DA CATÁSTROFE DE NOVEMBRO

A última peregrinação de 1967 ficou marcada com a presença de vinte e três Prelados Portugueses que, desde o dia 11, estavam reunidos em Fátima, em Assembleia Plenária do Episcopado da Metrópole.

Os senhores bispos quiseram concelebrar a Missa da peregrinação que foi aplicada por alma das vítimas das inundações dos arredores de Lisboa. Presidiu, em nome de S. E. o Senhor Cardeal Patriarca, o senhor Arcebispo de Mitilene, D. António de Castro Xavier Monteiro. O ilustre Prelado, à homilia, dirigiu a palavra aos fiéis que enchiam, completamente, a Basílica. Recordou-lhes a presença do Santo Padre em Fátima para orar pela paz. Após várias considerações neste sentido, exortou os presentes a unirem-se às orações dos Bispos Portugueses sufragando as almas das vítimas da catástrofe de Lisboa.

Muitos fiéis comungaram, na altura própria, das mãos de três dos Prelados concelebrantes.

Como é hábito, antes da Missa, foi rezado o Terço junto da Capelinha das Aparições e, ao fim, conduzida a Imagem de Nossa Senhora, para a Basílica.

Entre os doentes que receberam a bênção com o Santíssimo Sacramento, encontrava-se a figura humilde e bem conhecida de João Carreira, aquele mesmo que há cinquenta anos pediu a sua cura a Nossa Senhora, durante as aparições, mas sem a ter conseguido. Resignado à vontade de Deus, nem por isso deixa de Lhe implorar a saúde do corpo há tantos anos doente.

Renovada a consagração ao Imaculado Coração de Maria, a Imagem da Virgem foi reconduzida, processionalmente, para o altar da Capela das Aparições.



A comunhão foi distribuída aos fiéis por alguns dos bispos concelebrantes



Os Bispos de Portugal concelebraram, no dia 13 de Dezembro, por alma das vítimas das inundações nos arredores de Lisboa



A POLÍCIA DE VIAÇÃO E TRÂNSITO PEREGRINA EM FÁTIMA

A P. V. T. a quem Fátima e os seus peregrinos tanto devem, pois são os agentes daquela corporação quem sempre se encarregam de orientar o trânsito nos dois sentidos, ao longo das estradas de Portugal e, sobretudo, com uma competência nunca assás louvada, nas imediações do recinto sagrado, ainda não tinha peregrinado colectivamente e, em grande número, à Cova da Iria.

Quis fazê-lo neste Ano Cinquentenário e aproveitou a oportunidade das vésperas de Natal, para, aos pés de Nossa Senhora, confraternizar com os seus familiares e as suas crianças.

As 10 horas do dia 18 reuniram-se na Basílica, para assistirem a uma Missa de acção de graças, o Senhor Director Geral dos Transportes Terrestres, Eng. Abreu e Silva, os primeiro e segundo comandantes da P. V. T. Major Enes Ferreira e Capitão Cravo Sanches, o Senhor Inspector Capitão Peixoto, comissários, chefes, subchefes e guardas de toda a Corporação e suas famílias, num total de mais de 1500 pessoas.

Foi celebrante o Rev. Pe. António da Silva Bello, S. J. que durante as Comemorações jubilares tem prestado relevantes serviços no Santuário, quer à Comissão Central quer à nossa própria revista, o qual proferiu uma alocução alusiva ao acto.

Ao fim da Missa foram distribuídas, a todos os peregrinos, medalhas e estampas do Cinquentenário.

Depois da refeição do meio-dia, os peregrinos da P. V. T. reuniram-se no salão grande do Seminário do Verbo Divino para uma festa familiar durante a qual foram oferecidas prendas de Natal aos filhos dos senhores agentes.

A festa de Natal continuou, à tarde, no Cine-Teatro de Leiria.

Recondução da Imagem da Virgem ao Altar



Peregrinos do dia 13 de Dezembro de 1967

FÁTIMA E O DEVER DO PRÓPRIO ESTADO

JEAN OUSSET

É como leigos mais directamente responsáveis pelos assuntos da Cidade, que nos reunimos aqui, esta tarde (1). Em testemunho de gratidão pelos benefícios que no mero plano cívico e temporal não têm deixado nem devem deixar de produzir as três mensagens de Fátima e das Encíclicas «Pascendi» e «Divini Redemptoris». Mas tenho de ser breve. A minha exposição, portanto, não será mais do que uma lembrança, seguida de um comentário breve, do que Lúcia, a vidente de Fátima, nos transmite de uma frase de Nosso Senhor.



EIS a frase: «... O sacrificio de cada qual exige o cumprimento do seu próprio dever e a observância da minha lei. Esta é a penitência que Eu, agora, peço e exijo ...» (2)

O que não deixa de nos causar estranheza. Ora, não é isso o mínimo que se nos pode exigir?

Será possível que uma obrigação tão elementar seja proposta como penitência suficiente, uma penitência salvadora, capaz de afastar os males anunciados por Nossa Senhora na hipótese de que não sejam executados os Seus pedidos?

Não ignoro, certamente, que a intenção sobrenatural das nossas mais pequenas acções podem dar a estas o socorro de uma graça omnipotente.

Não obstante, não é assombroso que, na situação em que nos encontramos, o Céu não exija qualquer resolução excepcional, duras práticas ascéticas, mortificações heróicas, máximos de piedade?

Não.

Reza do Terço. Fidelidade ao dever do próprio estado ...

Isto parece pouco.

Mas, sem embargo, leva-nos muito longe.

É que isso diz-nos respeito a todos. Sem excepção. Todos, mesmo os mais humildes. Até aqueles que, como o servo do Evangelho, não tenham recebido mais do que um talento.

Ora bem, o sentido daquilo que Nosso Senhor nos quis ensinar com esta parábola, é, frequentemente desconhecido e, não obstante, temível.

Teria sido, aparentemente, tão fácil ... Teria sido tão agradável, sobretudo ao nosso espírito moderno, arranjar a história de modo que sejam antes os dois servos mais bem dotados os culpados de negligência ou preguiça, e que tivesse sido o servo a quem foi concedido um único talento quem maior proveito tivesse auferido do depósito confiado.

Mas a sabedoria divina não achou oportuno compor a sua lição desta maneira.

E, mesmo com risco de chocar os sentimentalistas que nós somos, é sobre o servo com um só talento, deixado sem frutificar, que cai a reprovação do Senhor ao seu regresso.

Prova, sem dúvida, que inclusivê a indigência das nossas capacidades, dos nossos meios, dos nossos talentos, não podem servir de desculpa para a nossa inactividade.

Prova que, para o renascimento, o Céu exige o esforço, até o mais insignificante, dos servos mais humildes, dos servos com um só talento.

Prova que no combate contra esses erros de que Nossa Senhora de Fátima anunciou o perigo antes de qualquer outro; prova que nesse combate contra a Revolução é condenável o argumento daqueles que, excessivamente numerosos, vão afirmando:

«Sentimo-nos demasiado ignorantes e incapazes. Corresponde a outros (mais brilhantes do que nós) o cuidado de orientação geral da sociedade. O nosso dever não saberia ir além do terreno dos trabalhos domésticos. Por outra parte, é impossível fazer tudo. São já tantas as coisas que exigem a nossa atenção!»

Isto parece uma sábia resposta. O que, todavia não é mais do que uma maneira delicada de nos livrarmos de uma grande parte dos nossos deveres de estado e de não cumprir, por assim o querermos, senão os mais agradáveis, ou os mais lucrativos.

São muitos, com efeito, os que reduzem os seus deveres de estado ao dever exclusivamente profissional.

Seria, na verdade, muito fácil, poder escolher, deste modo, entre os nossos deveres de estado aquele que mais nos agrada e esquecer os outros.

A verdade, porém, é que se torna necessário fazer tudo o que POR ESTADO devemos fazer. O mérito de uma vida virtuosa consiste na feliz, e às vezes heróica, ordenação de múltiplos e irredutíveis deveres de estado.

Deveres de estado em relação a Deus, porque somos, POR ESTADO, criaturas Suas.

Deveres de estado em relação aos nossos filhos porque, POR ESTADO, somos seus pais.

Deveres de estado profissionais.

Deveres de estado de boa vizinhança.

Deveres de estado de amizade. Etc.

Nenhum dever de estado pode ser rejeitado enquanto permanecemos no estado que isso nos impõe.

Sem esquecer esse dever que nos liga à Cidade, pois que, POR ESTADO, somos membros dela, já que não vale a pena queixarmo-nos de que as modernas democracias tenham aumentado o peso dos nossos deveres cívicos impondo a cada cidadão uma participação maior na vida pública.

A acção política e social não deixa de constituir um dos nossos mais graves deveres de estado, já que neste campo no qual, sobretudo, proliferam esses «erros da Rússia» dos quais a Virgem Maria disse, em Fátima, que se estenderiam pelo Mundo. Guerras, perseguições, nações aniquiladas, são o seu efeito ordinário.

Cautela com os equívocos! (Ao «pedir» e «exigir») o cumprimento do nosso dever de estado, é uma verdadeira mobilização geral a que deste modo é ordenada pelo Céu).

O que, bem compreendido, implica um estilo de acção mais definido do que se imagina.

Acção sobrenatural, em primeiro lugar. É evidente. Mas também é evidente que o comentário deste aspecto não depende totalmente de nós, simples leigos que estamos aqui esta tarde.

Acção sobrenatural, portanto, mas também natural.

Acção ao mesmo tempo massiva e multiforme, fecunda e tranquila.

Acção massiva, uma vez que ninguém pode dela ser dispensado.

Acção multiforme, posto que, nada há tão diverso como os nossos deveres de estado.

Acção fecunda já que, fundada sobre estes deveres de estado, coincide com o que cada qual possa ter de competência, de experiência, de legítimo interesse. Acção que não é ortopêdicamente imposta do exterior sobre o corpo social. Mas acção fecunda porque age, como desde dentro, sobre as próprias estruturas, profundas e naturais da sociedade.

Acção tranquila porque não desenraiza ninguém; porque nada artificializa; porque não revoluciona sob o pretexto de combater a Revolução. Acção tranquila porque deve ser a de todos e cada qual operando no seu posto, no seu lugar, nos seus meios naturais.

Precavamo-nos, deste erro tão comum que consiste em deplorar a pluralidade das nossas fórmulas de acção, a variedade dos organismos, com o pretexto de que com isso se dispersam os esforços. A verdade é que uma certa dispersão, uma certa variedade, uma certa pluralidade são muito mais eficazes, muito mais fecundas do que as pretensas receitas unitárias, monopolizadoras, preconizadas por alguns sob o pretexto de conseguir uma força maior com a concentração. Como se, porventura, um exército fosse mais perigoso em formação de três de frente do que, aparentemente disperso, em posição de combate, no terreno.

Mais do que nunca, frente ao Leviatão do totalitarismo moderno, interessa erguer um jogo de forças flexíveis, manobráveis, fáceis de reconstituir, ricas em poderes vários, até mesmo contrastantes. Capazes de procurar simultaneamente vários objectivos.

Fórmulas oferecidas a todos, mas muito melhor adaptadas às possibilidades de cada qual, segundo os seus deveres de estado.

Ora, neste momento, o que se pretende promover, o que se procura manter, não é tanto uma organização como um método a preconizar, uma estratégia a fazer aceitar, novos costumes de acção a adquirir, qualquer que seja o organismo a que uma pessoa pertença. Dito por outras palavras: um certo estilo de acção adaptado às actuais condições.

«Acção capilar», disse Pio XII. Mas que corresponderia em todos os seus pontos ao que se poderia chamar o método de acção do dever de estado, preconizado em Fátima.

Um grande número de pessoas imagina que a vitória depende essencialmente do talento, da habilidade, do valor dos que escrevem nos jornais, dos que falam nas reuniões; numa palavra, dos que têm um papel mais visível e que seria suficiente animar e aplaudir estes chefes como se anima ou se aplaude os jogadores no estádio.

Não existe erro mais temível e desastroso.

Se os soldados algum dia chegassem a pensar que a vitória já não dependia deles mas somente do Estado Maior (com a desculpa de que se conhecem hábeis generais), esse exército marcharia de desastre em desastre, por muito maravilhosos que tivessem sido os planos de combate elaborados pelos seus chefes.

A Mensagem de Fátima é concludente.

A mobilização dos deveres de estado que preconiza diz respeito a toda a gente.

E o Evangelho no-lo mostra: ainda que nós fôssemos o servo com um único talento, isso não poderia servir de desculpa para a inactividade.

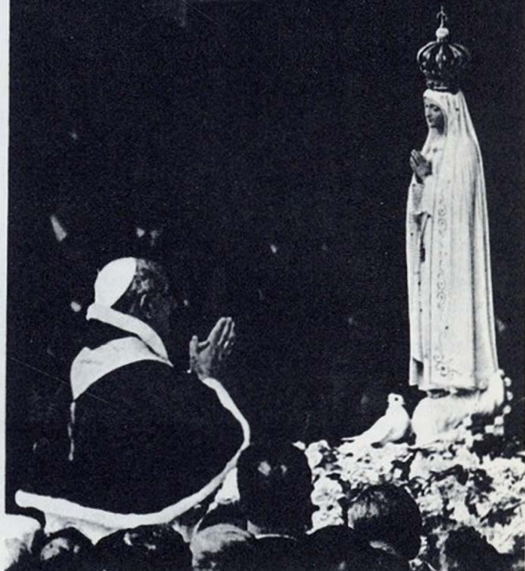


(1) Alocução pronunciada pelo autor numa reunião na «Mutualité» de Paris, no dia 25 de Abril de 1967.

Traduzimos, com a devida vénia, da revista VERBO, N.º 58, Série VI, Madrid.

(2) Carta de Lúcia de 28 de Fevereiro de 1943.
N. T.

PAULO VI EM FÁTIMA



UMA BELA PRENDA

Já está à venda, ao preço de 150\$00 o artístico album comemorativo da Peregrinação de Paulo VI a Fátima, edição da Comissão Central do Cinquentenário. Dirija os seus pedidos à referida Comissão, Fátima, ou à Administração de «FÁTIMA · 50», Fátima.

UN BELLO REGALO

Ya esta publicada la edición castellana de este magnífico album conmemorativo de la peregrinación de Su Santidad Paulo VI a Fátima. Puede requisitar los ejemplares que desee a la Administración de «FÁTIMA · 50», Fátima — Portugal.

Precio: 350 pesetas



Beixo relevo do altar da "Apresentação" na Basílica de Fátima

O ROSÁRIO PELA BÍBLIA

Oliveira Figueiredo

APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO

A APRESENTAÇÃO

«Quando passaram os dias da purificação conforme a lei de Moisés⁽¹⁾ (Lev. 12, 6), levaram-n'O a Jerusalém para apresentá-Lo ao Senhor, pois está escrito na lei do Senhor que todo o primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor (Êxo. 13, 2; 12, 15), e para oferecer como sacrifício, segundo ordenava a lei do Senhor, «um par de rolas ou dois pombinhos» (Lev. 12, 8; 5, 11).

O PROFETA SIMEÃO

«Em Jerusalém morava um homem chamado Simeão⁽²⁾. Era justo e temente a Deus e esperava a consolação de Israel⁽³⁾ e o Espírito Santo estava com ele. Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não morreria antes de ver o Ungido do

Senhor. Veio também ao Templo, impulsado pelo Espírito Santo e, quando os pais do Menino Jesus O levavam para cumprir as prescrições usuais da lei que Lhe diziam respeito, Simeão tomou-O nos braços e disse:

Agora, Senhor, deixa partir o Teu servo, em paz, como prometeste: pois os meus olhos viram a Tua salvação, que preparaste à face de todos os povos: luz para alumiar os gentios e glória de Israel Teu povo⁽⁴⁾.

O Pai e a Mãe do Menino estavam admirados das coisas que d'Ele se diziam⁽⁵⁾.

E Simeão abençoou-os e disse a Maria: «Este Menino está aqui para ruína e ressurgimento de muitos em Israel, e como sinal que hão-de contradizer — e a Ti própria uma espada há-de trespassar a alma —, para que saiam à luz os pensamentos de muitos corações»⁽⁶⁾.

ANA, A PROFETIZA

«Também ali havia uma profetiza, chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, de avançada idade. Tendo vivido com seu marido sete anos, desde que se casou, e ficando viúva, chegara já aos oitenta e quatro anos. Não se afastava do templo, servindo a Deus noite e dia, em jejuns e orações.

Chegando nessa mesma altura, louvava também a Deus e falava do Menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém.

Cumpridas todas as formalidades da lei do Senhor, voltaram para a Galileia, para a sua cidade de Nazaré⁽⁷⁾.

MEDITAÇÃO DO MISTÉRIO

A vida de Jesus, ainda nos braços maternos, abre-se ao contacto dos dois Testamentos. Luz e revelação das gentes, esplendor do povo eleito.

São José deve estar presente e participar, ele também, no rito das oferendas legais prescritas.

Aquele episódio perpetua-se na Igreja; e no acto de repetir a Ave-Maria, é grato observar as formosíssimas esperanças do perene reflorescimento das promessas do sacerdócio e dos cooperadores e das cooperadoras, em grande número, do Reino de Deus; jover: alunos dos seminários, das casas religiosas, dos estudantados missionários, inclusive das Universidades Católicas e de outras formas de um futuro apostolado dos leigos cuja expansão, apesar das dificuldades e das oposições da hora presente e mesmo em diversas nações muito atribuladas pela perseguição, não cessa de ser espectáculo consolador até ao extremo de arranjar palavras de admiração e de alegria.

S.S. João XXIII

COMENTÁRIO

I—O PRIMOGÊNITO DA VIRGEM

Todos os primogénitos deviam ser consagrados a Deus (Êxo. 22, 28 s).

O motivo da consagração e do resgate é a preservação dos primogénitos hebreus da morte, enquanto os dos egípcios pereceram (Êxo. 13, 22-26).

O Primogénito da Virgem Maria é também o Seu Unigénito. Só críticos mal intencionados quiseram descobrir numa coisa de tão claro significado, um argumento contra a virgindade de Nossa Senhora.

Todo o unigénito é primogénito, diz São Jerónimo, mas nem todo o primogénito é unigénito. Mas primogénito diz-se não daquele a quem se seguem outros mas daquele antes do qual não há outro. Aliás, se não for primogénito senão aquele a quem se seguirem irmãos, não se devem oferecer os primogénitos aos sacerdotes enquanto os irmãos seguintes não forem nascidos, não aconteça que, não se seguindo outro parto, o tal seja apenas unigénito e não primogénito. (Contra Helvidium).

II— A ESPADA DOLOROSA

O Filho de Maria será sinal de contradição e uma espada de dor há-de trespassar a Sua alma.

O Filho vai sofrer os tormentos profetizados ao Servo de Jahvé (Is. 50, 4-9; 52, 13-15; 53, 1-12) e será o sinal em redor do qual se juntarão as gentes (Is. 11, 10-12) das quais umas O aceitarão e outras O rejeitarão.

Nestes sofrimentos e luta acompanhá-Lo-á Sua Mãe. Seja por via dos sofrimentos do Seu Filho, seja pela divisão dos homens, a Virgem Maria será trespassada por uma espada de dor, o preço que Ela pagará, juntamente com Jesus, pela consolação ou salvação de Israel e do mundo.

Isto faz parte das dores da maternidade espiritual da Virgem a respeito dos homens (Apoc. 12, 12).

«Como a história da Virgem Maria não nos diz que Ela tenha morrido à espada e porque não é a alma mas o corpo que costuma ser trespassado pela espada, só resta entender aquela espada no sentido de que nos fala o Salmo 58, 8 — «há espadas

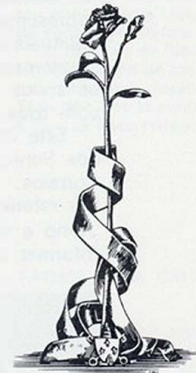
nos seus lábios», isto é que a dor da Paixão do Senhor trespassou a Sua alma. Embora Cristo, como Filho de Deus, aceitasse morrer de livre vontade e não hesitou entregar-se à morte, a Virgem não podia ver sem uma dolorosa piedade, ser crucificado Aquele que da Sua carne fora procriado» — Orígenes.

ORAÇÃO

Senhor Jesus Cristo que aparecendo neste dia entre os homens envolto na substância da nossa carne, fostes apresentado por Vossos pais no Templo: Vós a quem o venerável velho Simeão, iluminado com a luz do Vosso Espírito, conheceu, recebeu e abençoou, concedei-nos, propício, que sejamos iluminados e ensinados com a graça do mesmo Espírito Santo para Vos conhecermos e amarmos verdadeiramente.

Vós que com Deus Pai na unidade do mesmo Espírito Santo, viveis e reinais, Deus, pelos séculos dos séculos. Amém.

(Oração 5.ª, da bênção das velas no dia da Purificação, de Fevereiro).



(1) Embora Maria Santíssima não necessitasse de qualquer purificação, sujeitou-se a ela para aparecer diante dos homens isenta de qualquer impureza, mesmo legal, e para encobrir o mistério da concepção e parto virginalis.

(2) Não consta que fosse sacerdote, nem há indícios de que fosse Simeão filho de Hillel e pai de Gamaliel.

(3) Era a salvação messiânica.

(4) Simeão, ao contrário dos seus compatriotas, considera, no seu cântico, a salvação messiânica como universal, para todos os povos.

(5) Maravilhavam-se não tanto do que se dizia como do ser um estranho, desconhecedor dos mistérios que só eles conheciam, a dizer, inesperadamente, aquelas coisas.

(6) Conforme forem os pensamentos ou sentimentos dos corações, assim estes aceitarão ou rejeitarão o Sinal de Salvação que é este Menino, o Messias.

(7) Talvez possa coincidir, este regresso a Nazaré, com o narrado por São Mateus depois do desterro do Egipto.

Francisco Pereira de Oliveira

DESDE há muitos anos que factos extraordinários da vida dos povos são comemorados por meio de emissões de selos fora das séries adoptadas como normais para a circulação da correspondência. E assim é que, à medida que os acontecimentos se vão produzindo ou se torna conveniente recordar factos históricos, surgem as chamadas emissões extraordinárias de selos que reproduzem esses acontecimentos ou qualquer facto sobre esses pequenos pedaços de papel, mais ou menos policromados, de dimensões variadas, que circulam pelo Mundo fora, a recordar factos históricos, científicos, religiosos, guerreiros, etc.

O Cinquentenário de Fátima situa-se entre os maiores acontecimentos deste século, por a ele ficar para sempre ligada a primeira viagem de um Papa a um País da Europa. Quando se falar e registar na História o Cinquentenário de Fátima, liga-se automaticamente à peregrinação do Santo Padre Paulo VI à Cova da Iria, a Portugal.

A emissão de selos comemorativos do Cinquentenário das Aparições foi pedida pelo Reitor do Santuário, Monsenhor António Antunes Borges, em ofício datado de 17 de Julho de 1963, e dirigido ao então Correio-Mór, redigido nos seguintes termos: «Em 13 de Maio de 1967 ocorrerá o Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima. Para essa ocasião entre as diversas cerimónias projectadas, espera-se a realização de um Congresso Mariológico Internacional. Dada a projecção, não só nacional, como internacional, que o acontecimento representa, vimos pedir a V. Ex.cia uma emissão especial comemorativa do Cinquentenário das Aparições, não só para o Continente como para o Ultramar Português. Dada a procura que, certamente, estes selos irão ter nos meios filatélicos e entre os peregrinos que na altura das comemorações aqui virão, pedimos a emissão de sobrescritos e carimbos comemorativos, para os locais habituais e para Fátima. Esperando e agradecendo todo o interesse de V. Ex.cia para este assunto, apresento os meus melhores cumprimentos e subscrevo-me com toda a consideração, etc.»

Este ofício teve a seguinte resposta da Direcção dos Serviços Industriais da Administração-Geral dos Correios: «Assunto Cinquentenário das Aparições. Em referência aos ofícios de V. Rev.ma de 17 de Julho e 5 de Dezembro últimos, tenho a honra de informar o seguinte: a) — Ainda nada foi resolvido

sobre a emissão alvitrada. O assunto será tratado na reunião da Comissão Filatélica Nacional que terá lugar muito brevemente e depois submetido à consideração de S. Ex.cia o Ministro das Comunicações. Logo que haja uma decisão apressar-me-ei a comunicá-la a V. Revdma. b) — A escolha dos artistas que hão-de desenhar as maquetes dos selos a emitir é da alçada da Secção Executiva daquela Comissão. Isso não obsta a que, no caso de ser a emissão autorizada, V. Revdma. nos remeta os elementos que entender úteis para a composição do desenho, ou mesmo alguns desenhos, sem que isso represente, da nossa parte, qualquer compromisso de aceitação. Apresento a V. Revdma. os meus cumprimentos. A Bem da Nação. O Engenheiro Director dos Serviços Industriais a) Manuel G. Graça.»

Finalmente em 24 de Fevereiro de 1965 a mesma Repartição dos Correios comunicou ao Reitor do Santuário: «Em seguimento do ofício 17.677 de 18 de Dezembro de 1963, tenho o gosto de informar V. Revdma. de que S. Ex.cia o Ministro das Comunicações autorizou a emissão extraordinária de selos comemorativa do Cinquentenário das Aparições. Mais tenho de informar de que estamos orientando os trabalhos preparatórios da emissão, de forma a poder ser posta a circular em 13 de Maio de 1967. Apresento a V. Revdma. os meus cumprimentos.»

Da emissão de selos para o Ultramar se encarregou a Direcção dos Serviços de Valores Postais, do Ministério do Ultramar que em Novembro de 1966 solicitou do Santuário de Fátima o envio de fotografias e estampas com diversos motivos de Fátima a fim de poder elaborar as maquetes dos selos comemorativos a emitir para as Províncias Ultramarinas.

Seria muito interessante que tanto a Administração-Geral dos Correios como a Repartição de Valores Postais do Ministério do Ultramar, autorizassem que na próxima Exposição Filatélica de Temática Religiosa a efectuar em Fátima no próximo Verão, e que muitos adeptos está já a ter, fossem expostos os desenhos e maquetes que serviram para a confecção dos selos comemorativos do Cinquentenário, para conhecimento de como se fazem os selos que circulam na correspondência e que figuram nos albums dos coleccionadores.



RESÚMENES

FÁTIMA Y SU CONTRIBUCIÓN A LA PAZ

Este es el título de nuestro saludo a todos nuestros lectores con motivo del año nuevo 1968. Se hace referencia al Mensaje de Paz de Nuestra Señora de Fátima y aun al apelo que desde aquí ha lanzado el Papa Paulo VI el 13 de mayo de 1967 a todos los hombres para que empleen todos sus esfuerzos para la pacificación de la tierra, para que todos se consideren hermanos y unidos en los mismos ideales de progreso y de concordia. Se hace, igualmente referencia a parecido apelo hecho por el mismo Pontífice en la sede de la ONU cuando de su visita a aquella institución. llamando todos los hombres a las responsabilidades del momento presente si desean vivir en paz. «Jamás la guerra! Jamás la guerra! Solo proyectos de progreso y una voluntad firme de conseguir las victorias de la Paz.»

Estos son nuestros votos de feliz Año Nuevo.

LAS PROMESAS DE NUESTRA SEÑORA EN FÁTIMA

Continuamos la publicación del artículo del Canónigo Barthas sobre las promesas de Nuestra Señora en Fátima, hablándonos, en esta segunda parte, de la segunda promesa: «Tendréis Paz».

Cuenta el autor como la Imagen de la Virgen Peregrina de Fátima ha abierto las fronteras, como es el caso de la frontera hispano-francesa, cerrada durante largos años y abierta después del paso de la Imagen Peregrina camino de Bélgica. De como, en esa ocasión, presidía la misma Imagen a un congreso mariano de tres países: Holanda, Bélgica y Luxemburgo y de como se ha dado la coincidencia providencial de el mismo día de la clausura del congreso se haber firmado el Tratado BENELUX. Del mismo modo, a su llegada al Paquistán, ha terminado la guerra entre éste país y el Hindustán por razones de límites fronterizos, habiéndose firmado ese mismo día el acuerdo que puso término a las hostilidades.

Narranos aún como ha sido desde Fátima, después de la visita de dos capellanes castrenses franceses a éste santuario, que nació la idea, luego puesta en práctica, de la peregrinación mundial de antiguos combatientes a Lourdes, de tal manera que, cada año, allí se reúnen a los pies de Nuestra Señora, hombres que antes se habían combatido ferocemente y que solamente pasaban las fronteras, uniformados, en son de guerra y, ahora las atraviesan uniformados también, pero con intenciones pacíficas, para implorar a la Madre del Cielo la paz y concordia entre todos los hombres.

PORTUGAL MISIONERO EXALTADO EN FÁTIMA

Durante el último Congreso Mariano Internacional que tuvo lugar en Fátima el

pasado mes de agosto, S. E. el Cardenal Cooray, Arzobispo de Colombo, Ceilán, pronunció una homilía que hoy transcribimos en la íntegra y en la cual afirmó que la fe ha sido llevada a su País hace 450 años, por los misioneros portugueses y que estos, de tal manera han lanzado sus raíces en el pueblo que la persecución sufrida por parte de los calvinistas, durante más de 150 años, no ha sido capaz de arrancarla. Además de la verdadera fe, los portugueses han legado al Ceilán la devoción al Santísimo Sacramento y a la Santísima Virgen.

Seguidamente narró como el Ceilán siempre ha sido protegido de manera singular y maternal por Nuestra Señora y, sobretodo, como la Virgen ha defendido al País en la última guerra mundial, preservándolo de la invasión por parte de los nipones y de todos los horrores de la guerra. El entonces Arzobispo de Ceilán hizo un voto de erigir un santuario a Nuestra Señora bajo la invocación de Nuestra Señora de Lanka, como se denomina el Ceilán en los idiomas nativos, y proclamarla Reyna de Lanka caso la protegiera como de hecho la protegió.

Habiendo sido así, se dió cumplimiento al voto. Entonces nuevas relaciones con Portugal y principalmente con Fátima han sido establecidas, pues la imagen de Nuestra Señora de Lanka es una copia de la imagen de la Virgen de Fátima Peregrina, con una pequeña diferencia que es, por lo demás, una otra relación con Fátima y Portugal, ya que ésta lleva en el regazo el Niño Jesús con el cual, según el historiador portugués Queirós Ella se habrá aparecido a los primeros portugueses que allí han llegado y aún por el «niño de incomparable belleza» tener en una de las manos el Rosario de Fátima y con la otra señalar su Divina Madre.

Esta imagen ha sido esculpida en Fátima por un artista portugués, en madera de cedro, portuguesa también, y desde aquí llevada a Roma donde ha sido bendecida por el Papa. De Roma vino para Lisboa donde fué llevada para Goa por S. E. el Cardenal Patriarca que la ha entregado personalmente al Cardenal Cooray, acompañado por gran número de peregrinos del Ceilán que allí habían ido para recibir su Reyna, representada en la nueva imagen.

FÁTIMA Y EL DEBER DE ESTADO

Jean Ousset ha pronunciado en la «Mutualité» de París, el 25 de abril de éste mismo año, una conferencia subordinada al tema en epígrafe. Resumimos lo esencial del pensamiento expuesto.

Sirviéndose de una frase de Lucia escrita en una carta suya del 28 de febrero de 1943, en la cual reproducía un pedido de Nuestro Señor — «El sacrificio de cada uno exige el cumplimiento del propio deber y la observancia de mi ley. Esta es la penitencia que Yo, ahora, pido y exijo» — nos coloca frente a éste problema de aparente contradicción: «¿Será posible que una obligación tan elemental sea propuesta como penitencia suficiente, una penitencia salvadora, capaz de apartar los males anunciados por Nuestra Señora si no fueran cumplidos sus pedidos?»

El autor responde que, de hecho, estraña que no se nos haya exigido una

penitencia mayor, aunque la intención sobrenatural de nuestras, más insignificantes acciones las torne grandemente meritorias... La fidelidad al deber de estado parece poco, pero nos lleva muy lejos. En primer lugar por que ese deber dice respeto a todos, sin excepción, aun a los más humildes, los menos dotados, como pudiera ser, sacando la comparación del Evangelio, el caso del siervo a quien ha sido entregado uno solo talento y, sin embargo, fué castigado por no haberlo hecho producir fructos... La indigencia de nuestras capacidades, de nuestros medios, de nuestros talentos, no pueden servir de disculpa para nuestra inacción... Algunos se excusan con esa insuficiencia para dejar a los otros, más bien dotados, la acción en el plan de las exigencias de renovación del mundo segun la voluntad de Dios y los pedidos de Nuestra Señora. También existen aquellos que solamente quieren cumplir los deberes de estado más fáciles y lucrativos...

El Señor, al pedir y exigir el cumplimiento del deber de estado nos llama a una verdadera movilización general contra el error. Nos pide un estilo de acción más definido. Nos pide una acción sobrenatural, en primer término, y una acción natural masiva, por que todos estamos obligados al cumplimiento del deber de estado sea cual sea nuestra situación: una acción fecunda segun la competencia y capacidad de cada uno. Lo que importa es no dejar sin fructificar el talento de cada uno. Gran número de personas piensan que la victoria depende esencialmente de los grandes líderes y será suficiente aplaudirlos para ser conseguir la victoria. Un error. Si los soldados, algun día, llegaran a convencerse de que la victoria no dependía de ellos sino de los generales, por muy capaces que estos fueran, irían de derrota en derrota.

El Mensaje de Fátima es concluyente: la movilización de los deberes de estado que preconiza, respeta a todos, Y el Evangelio nos lo confirma en la parábola a que se hace referencia.

FÁTIMA Y LA CRITICA

El Rev. P. Dr. Joaquin Maria Alonso, C. M. F., nuestro distinguido colaborador y encargado por Mons. Juan Pereira Venancio, Obispo de Leiria, de escribir la historia crítica de Fátima, ha sido abordado por uno de los redactores del periódico francés «L'Homme Nouveau» para que le concediera una entrevista y aun para esclarecer ciertas dudas que circulan por ahí, respecto de las Apariciones de Fátima y de su Mensaje. Esta entrevista, publicada en el n.º de 19 de noviembre de 1967 de dicho periódico, después de habermos hablado personalmente con el Dr. Alonso, la vamos a resumir aquí en sus principales pasajes.

El Dr. Alonso empieza por explicar los motivos por los cuales ha sido encargado de esta obra monumental: «Años hace que yo preparaba, pacientemente, una historia sobre la devoción al Corazón Inmaculado de María. Llegado el momento de enfrentarme con el caso de Fátima, he ido a Leiria para documentarme y, ante la gravedad de la problemática del tema, tuve de alargar el panorama de mi investigación. Este tema

ocupa un lugar muy importante en las Apariciones y en el Mensaje, lo que nos obliga a hacer un estudio global de los fenómenos... Fué entonces que el Señor Obispo de Leiria me pidió para encargarme de éste estudio que, de verdad, me encantó... Imposible describir la abundancia de los archivos y documentos que he encontrado, referentes a este tema, y también las dificultades en contactar directamente con todos ellos, dispersos como están, por diversos países de todo mundo, como Italia, Alemania, Francia, España, Brasil y, naturalmente, Portugal... El dossier de Fátima es de un volumen tal y de tan grande importancia que no sufre parangón con ninguna de las manifestaciones carismáticas de la historia de la piedad católica... Además podemos contar con el documento más importante de todos y que consiste en la protagonista de las Apariciones, Lucía dos Santos, viva aun...

... Estamos plenamente convencidos de que es posible, hoy, establecer conclusiones histórico-críticas valederas... Esperamos, de esta forma, que los libros que en adelante se escriban sobre Fátima, puedan evitar los errores repetidos de ciertos libros precedentes...

... El título de mi obra será: «FÁTIMA HISTORIA Y MISIÓN» y tendrá como subtítulo: «Estudio de crítica histórica». Este título exprime bien el contenido de la obra. No se trata solamente de describir los hechos mas también de hacer una crítica de los textos que contienen el Mensaje que Fátima ofrece a la Iglesia... Se trata de una historia religiosa que debe ser observada desde una triple dimensión: la del medio histórico, la de los personajes que han intervenido y la de la intervención de Dios dirigiendo a su pueblo por los caminos de la salvación y que es como que la conclusión de la obra. Pero conviene saber que nuestro trabajo es fundamentalmente histórico y no teológico...

Documentos tan numerosos nos han obligado a una selección concienzosa y verdaderamente crítica, mas aseguramos a nuestros lectores que les ofrecemos todos los textos fundamentales del caso... No soy en contra de la apologética, pero mi trabajo no es propiamente apologético sino fundamental y esencialmente HISTÓRICO, CRÍTICO DOCUMENTAL... Respeto de los autores que se consideran historicamente serios pero con tanta superficialidad han hablado de Fátima, lo menos que puedo decir es que no solo ignoraban los textos y el idioma en que estaban escritos sino también, lo que es más grave, han falsificado, tendenciosamente, los autores intermedios de que se han servido...

Sobre las interpretaciones que por ahí han circulado respeto de la visita de Paulo VI a Fátima, debo decir lo que sigue: «Se ha afirmado que Fátima es anticonciliar, anticuménica, reaccionaria, retrógrada y triunfalista. Así han hablado, por ejemplo, «Réforme», «Nuovi-Tempi», «Les Informations Catholiques Internationales». Este juego de palabras gastadas no me parece serio. Pero lo más grave es que se han puesto en duda principios esenciales. No se trata solamente de cuestiones de pastoral ecuménica o de «aggiornamento», se trata de principios. Ha sido uno de los aspectos olvidados por «Figaro» en su crítica a Fátima. La fe verdaderamente viva no se alimenta de fórmulas abstractas. Si la piedad católica tradicional, bien fun-

fundamentada en la mariología católica, ha atingido formas tales de manifestación como las de Fátima, ¿se debe, porventura, renunciar a las mismas por «caridad para con nuestros hermanos separados»? Es un caso muy delicado de prudencia que entra aquí en juego, pero no son los teólogos profesionales los que pueden darnos una respuesta cabal a esta cuestión tan compleja. ¿Hasta que punto debe la autoridad de la Iglesia respetar los principios establecidos por el Concilio Vaticano II para no herir la susceptibilidad de nuestros hermanos separados? La contestación es sencilla: hasta el punto en que otras razones de principio o de motivos pastorales graves no exijan lo contrario. Y lo que es todavía más grave: ¿hasta adonde y en que medida puede esta misma autoridad suprema contener los impulsos del Espíritu que clama, con gemidos innarrables, en el corazón de los fieles católicos: «Abba» — Padre e igualmente los lleva a llamar: «Madre, Madre», cuando se vuelven hacia la Virgen? ... ¿Como han podido haber visto los autores de los artículos de las publicaciones referidas, un anticumenismo o un anticonciliarismo en Fátima? ... Los millones de católicos que han acompañado el Papa Paulo VI, Peregrino de Fátima, no han visto en el gesto del Santo Padre sino un modo tradicional de agir de parte de la Iglesia, que los ha reconfortado enormemente...

Así he visto la visita de Paulo VI a Fátima: «Como historiador he sentido que todas mis categorías mentales del pasado, del presente y del futuro histórico, se han desvanecido delante del gesto paternal y bueno del Santo Padre, Padre de Familia que nos ha presentado a la Virgen llena de gracia para que todos nosotros nos unieramos a Ella; que el pasado de Fátima, sus cincuenta años exactos por el reloj del tiempo, se reduzian a una hora «zero» presente que nosotros debemos de retener y tornar eterna. Y todo el futuro de Fátima esta como que resumido y garantizado en éste minuto exacto y precioso.»

Ahora unas palabras breves sobre una pregunta personal nuestra al Dr. Alonso, después de habernos leído ésta entrevista y después de otros diálogos tenidos con él como historiador. Le hemos preguntado concretamente: «Después de haber estudiado críticamente, historicamente, el hecho de Fátima, y abstrayendo, teóricamente, de su calidad de hombre de fe, de hombre de la Iglesia, ¿su creencia en las Apariciones de Fátima y en el Mensaje, es más firme, más piadosa o, simplemente, más teórica?»

La contestación ha sido, sin cualquier titubeo, la siguiente: «No solo he quedado más convencido de la veracidad de las Apariciones, de la autenticidad del Mensaje, sino que me siento más ligado a Nuestra Señora, con una fe más viva y una piedad más ardiente para con su Corazón Inmaculado. Me siento con más ganas y con más fuerza para gritar que de aquí nos viene la señal de salvación para la Iglesia y para el mundo de nuestro tiempo y del futuro.»

RÉSUMÉS

FÁTIMA ET SA CONTRIBUTION POUR LA PAIX

C'est le titre que nous donnons à nos souhaits adressés à tous nos lecteurs à l'occasion de la nouvelle année, 1968. Nous rappelons le Message de Paix de Notre-Dame de Fátima ainsi que l'appel lancé d'ici par le Pape Paul VI le 13 Mai 1967 à tous les hommes afin qu'ils emploient tous leurs efforts à la pacification de la terre, afin que tous se sentent frères et unis dans les mêmes idées de progrès et de concorde. On se réfère à l'appel semblable que le même Pontife lança au Palais de l'ONU lors de sa visite, rappelant tous les hommes aux responsabilités du moment présent s'ils veulent vivre en paix. «Jamais la guerre! Jamais la guerre!» qu'ils s'attachent seulement à la recherche du progrès et à poursuivre d'une volonté ferme l'établissement de la paix.

FÁTIMA ET LA CRITIQUE

Le R. P. Joaquin Maria Alonso, notre distingué collaborateur, chargé par S. Exc. Monseigneur l'Evêque de Leiria d'écrire l'histoire critique de Fátima, fut abordé un jour par un rédacteur du journal français «L'Homme Nouveau». Ce dernier lui demanda de lui accorder un interview au sujet de son oeuvre et de lui fournir quelques éclaircissements sur certains doutes qui circulent là bas au sujet des Apparitions de Fátima et de son Message. Cet interview, dont le compte-rendu fut publié dans le n.º du 19 Novembre 1967 de ce journal, nous en avons parlé personnellement avec D. Alonso et nous allons en résumer ici les principaux passages.

Le R. P. Alonso commence par expliquer pourquoi il fut chargé de cet oeuvre monumental: «Il y a des années que je préparais, patiemment, une histoire sur la dévotion au Coeur Immaculé de Marie. Le moment arriva pour moi d'aborder le cas de Fátima, J'allai à Leiria pour me documenter et, devant la gravité du problème posé par ce cas, je dus élargir la sphère de mes recherches. Ce thème occupe une place assez importante dans les Apparitions et dans le Message, ce qui nous oblige à faire une étude globale des phénomènes... Ce fut alors que Mgr. João Pereira Venâncio me demanda de me charger de cette étude. Cette demande, à vrai dire, m'enchantait... Impossible de décrire l'abondance des archives et documents que je rencontrai et aussi leurs difficultés à pouvoir être compulsés directement, dispersés comme ils le sont dans divers pays du Monde, comme en Italie, en Allemagne, en Espagne, en France, au Brésil et, naturellement, au Portugal... Le «dossier» sur Fátima est d'un tel volume et de telle importance que ce cas ne peut être comparé à aucune des manifestations charismatiques de l'histoire de la piété catholique... De plus nous devons tenir compte du document le plus important: la protagoniste même des apparitions, toujours vivante, Lucie dos Santos...



... Nous sommes pleinement convaincus qu'il est possible aujourd'hui de tirer des conclusions historico-critiques valables ... De cette manière, nous espérons qu'à l'avenir les livres sur Fátima éviteront de répéter certaines erreurs des écrits précédents ...

... Le titre de mon oeuvre sera: «FÁTIMA, HISTOIRE ET MISSION» et aura comme sous-titre: «Etude de la critique historique». Ce titre exprime bien le contenu de l'oeuvre. Il ne s'agit pas seulement de décrire les faits mais aussi de faire une critique des textes qui contiennent le Message offert à l'Eglise par Fátima ... Il s'agit d'une histoire religieuse qui doit être étudiée sous ces trois aspects: l'intervention de Dieu, dirigeant son peuple sur les chemins du salut, qui est comme la conclusion de l'oeuvre, précédé de l'étude des deux autres aspects: le milieu historique et les personnages qui interviennent ... Mais je précise que notre travail est fondamentalement historique et non théologique ...

Des documents si nombreux nous obligent à un choix consciencieux et vraiment critique, mais nous garantissons que nous offrirons aux lecteurs tous les textes fondamentaux concernant ce cas ... Je ne suis pas contre l'apologétique, mais mon travail n'est pas à proprement parler apologétique. Il est seulement fondamental et essentiellement HISTORIQUE, CRITIQUE, DOCUMENTAIRE ... Quant aux auteurs qui se considèrent historiquement sérieux mais qui ont parlé avec tant de superficialité de Fátima, le moins que j'en puisse dire c'est que, non seulement ils ne connaissent pas les textes ni l'idiome dans lequel ils étaient écrits, mais de plus, ce qui est plus grave, ils falsifieront tendancieusement les auteurs intermédiaires dont ils se servirent ...

Sur les interprétations qui, à l'étranger, courent au sujet de la visite de Paul VI à Fátima, je dois dire ce qui suit: «On affirme que Fátima est anti-conciliaire, anti-occuménique, rétrograde et triomphatrice. Ainsi parlèrent, par exemple, «Réforme», «Nuovi-Tempi», «Les Informations Catholiques Internationales». Ce jeu de mots surannés ne me paraît pas sérieux. Le plus grave, toutefois, est que des principes essentiels sont mis en doute. Il ne s'agit pas seulement de questions de pastorale occuménique ou de «aggiornamento», il s'agit de principes. Ce fut un des aspects de la critique sur Fátima que le «Figaro» oublia. La foi vraiment vive ne s'alimente pas de formules abstraites. Si la piété catholique traditionnelle, bien fondée sur la mariologie catholique etteint des formes de manifestation comme celles de Fátima, doit-on, par hasard, y renoncer par «Charité vis de nos frères séparés»? C'est un cas de prudence très délicat qui entre ici en jeu, mais ce ne sont pas les théologiens professionnels qui peuvent nous donner une réponse claire à cette question si complexe. Jusqu'à quel point l'autorité suprême de l'Eglise doit-elle tenir compte des principes établis par le Concile Vatican II pour ne pas blesser la susceptibilité de nos frères séparés. La réponse est simple: jusqu'au point où d'autres raisons de principe où de motifs pastoraux graves n'exigent pas le contraire. Et ce qui est encore plus grave: jusqu'ou et dans quelle mesure cette même autorité suprême peut-elle contenir les impulsions de l'Esprit qui crie, avec des gémissements inénarrables, dans le

coeur des fidèles catholiques: «Abba» — «Père» et les porte également à crier «Mère! Mère!» quand ils se tournent vers la Vierge Marie? ... Comment les auteurs de ces publications peuvent-ils voir dans Fátima un anti-occuménisme ou un anti-Concile? ... Les milliers de catholiques qui accompagnèrent le Pape Paul VI, Pélerin de Fátima, ne virent dans le geste du Souverain Pontife qu'une façon traditionnelle d'agir de la part de l'Eglise, qui les réconforta énormément ...

Voici comment j'ai vu la visite de Paul VI à Fátima: En tant qu'historien, je sentis que toutes mes représentations mentales du passé, du présent et de l'avenir de l'histoire s'évanouissaient en moi devant le geste paternel et bon du Saint Père, Père de Famille qui nous présente à la Vierge pleine de grâces afin que nous nous unissions tous à Elle. Le passé de Fátima, ses cinquante années exactes quant à l'horloge du temps, se réduisaient à une heure «zéro», l'heure présente que nous devions retenir et rendre éternelle. Et tout l'avenir de Fátima se trouva comme résumé et garanti dans cette minute exacte et précieuse.

Après le compte-rendu de cet interview que vous venez de lire, et après avoir dialogué avec le R. P. D. Alonso en tant qu'historien, nous lui avons posé la question suivante: «En faisant abstraction, théoriquement de votre qualité d'homme de foi et d'homme d'Eglise, depuis que vous avez étudié en critique et en historien l'histoire de Fátima, votre croyance aux apparitions et au Message est-elle plus forte, plus pieuse ou simplement théorique? Sans aucune hésitation il me fit la réponse suivante: «Non seulement je fus plus convaincu de la véracité des Apparitions, de l'authenticité de son Message mais je me sens plus lié à Notre Dame: ma foi est vive et ma piété plus ardente vis à vis de son Coeur Immaculé. Je me sens plus de force plus de volonté pour crier que d'ici nous vient le signe de salut pour l'Eglise et pour le Monde: le Monde d'aujourd'hui et celui de demain».

FÁTIMA ET LE DEVOIR D'ÉTAT

Jean Ousset prononça dans «Mutualité» de Paris, le 25 Avril 1967, une conférence se rattachant au thème en épigraphe. Nous résumons ici l'essentiel de la pensée exprimée. Se servant d'une phrase de Lucie écrite dans une lettre du 28 Février 1943, qui reproduit une demande de Notre Seigneur — «Le sacrifice de chacun exige l'accomplissement du devoir propre et l'observance de ma loi. C'est la pénitence que Moi, maintenant, je demande et j'exige» — Jean Ousset nous place devant ce problème apparemment contradictoire: «Serait-il possible qu'une obligation si élémentaire soit proposée comme pénitence suffisante, une pénitence salvatrice, capable d'écarter les maux annoncés par Notre-Dame dans le cas où ses demandes ne seraient pas exécutées?

L'auteur répond que de fait il paraît étrange qu'une plus grande pénitence ne soit pas exigée, bien que l'intention surnaturelle de nos actions les plus insignifiantes les élève et les rende grandement méritoires ... La fidélité au

propre devoir d'état paraît peu de chose mais nous même beaucoup plus loin que nous ne pouvons l'imaginer à première vue. D'abord parce que ce devoir concerne tous les hommes sans exception, même les plus humbles et jusqu'aux moins doués. Il prend la comparaison de l'Evangile; le cas du serviteur qui a reçu un seul talent et qui pourtant fut chatié pour ne pas l'avoir fait fructifier ... Nos faibles capacités, la pauvreté de nos moyens et de nos talents ne peuvent servir d'excuse à notre inactivité ... Quelques uns prennent prétexte de leurs incapacités pour laisser à d'autres mieux doués le soin d'agir dans le domaine des exigences actuelles de rénovation du Monde selon la Volonté de Dieu et les demandes de Notre-Dame. Il y a également ceux qui veulent à peine accomplir leur devoir d'état qui est pourtant pour plus faciles ou des plus lucratives ...

Notre Seigneur, en demandant et exigeant l'accomplissement du devoir d'état nous appelle à une véritable mobilisation générale contre l'erreur. Il nous demande un style d'action plus défini. Il réclame de nous une action surnaturelle en premier lieu, et une action naturelle en premier lieu, et une action naturelle en masse, car tous nous sommes obligés à l'accomplissement du devoir d'état quelque soit notre position; une action féconde selon la compétence et la capacité de chacun, ce qui importe c'est de ne pas laisser, sans le faire fructifier, le talent reçu. Grand nombre de personnes pensent que la victoire dépend essentiellement des grands mentors ou des grands chefs et qu'il suffira de les applaudir pour la remporter. Erreur. Si les soldats arrivaient un jour à penser que la victoire ne dépendait pas d'eux mais seulement des généraux en raison de leur extraordinaire talent stratégique, ils iraient vite à la déroute.

Le Message de Fátima est concluant: la mobilisation des devoirs d'état, préconisé par lui, concerne tout le monde. Et l'Evangile nous le confirme dans la parabole dont, plus haut, nous avons fait mention.

PORTUGAL MISSIONNAIRE EXALTÉ A FÁTIMA

Durant le dernier Congrès Marial International, réalisé à Fátima au mois d'août dernier, S. E. le Cardinal Cooray, Archevêque de Colombo, Ceylan, prononça une homélie que nous transcrivons aujourd'hui intégralement. Il affirmait que la foi fut apportée à son Pays il y a 450 ans, par les Missionnaires Portugais et que ceux-ci l'anracinèrent de telle manière dans le peuple que la persécution subie de la part des calvinistes, durant plus de 150 ans, ne fut pas capable de l'en arracher. De plus les Portugais laissèrent au peuple de Ceylan, en plus de la vraie foi, une sorte d'héritage qui consiste dans la dévotion au Très Saint Sacrement et à Notre-Dame.

Il conta ensuite comment Ceylan fut toujours protégé de façon singulière et maternelle par Notre-Dame, et surtout comment Celle-ci a défendu le pays pendant la dernière guerre mondiale, le

préservant de l'invasion de la part des Japonais et de toutes les horreurs de la guerre. L'Archevêque de Ceylan n'aurait fait promesse d'ériger un sanctuaire à Notre-Dame sous le vocable de Notre-Dame de Lanka, comme Ceylan est appelé dans les idiomes du pays, et de la proclamer Reine de Lanka si Elle les protégeait comme Elle le fit effectivement. En conséquence l'Archevêque accomplit son vœu. De nouvelles relations avec le Portugal, et Fátima furent établies, car la statue de Notre-Dame de Lanka est la copie de la statue pélerine de Notre-Dame de Fátima avec cette petite différence qui d'ailleurs la rapproche davantage de Fátima et du Portugal: celle d'avoir l'Enfant Jésus dans les bras, comme Elle aurait apparu, selon l'historien portugais Queiros, aux premiers portugais qui arrivèrent là-bas. L'Enfant, d'une beauté incomparable, tient dans main le Rosaire de Fátima tandis que de l'autre il montre sa Divine Mère. Cette statue fut sculptée à Fátima par un artiste portugais, en bois portugais. De là elle fut portée à Rome où elle fut bénie par le Saint Père. De Rome elle revint à Lisbonne pour être emportée ensuite à Goa par S. E. le Cardinal Patriarche qui la remit personnellement au Cardinal Cooray. Ce dernier était accompagné d'un grand nombre de pèlerins du Ceylan venus jusque là recevoir leur Reine dans cette nouvelle statue.

LES PROMESSES DE NOTRE-DAME DE FÁTIMA

Nous continuons à publier l'article du chanoine Barthas sur les promesses de Notre-Dame à Fátima. Dans cette seconde partie il nous parle de la seconde promesse «VOUS AUREZ LA PAIX». L'auteur nous raconte alors comment la statue de Notre-Dame Pélerine a ouvert les frontières. Il nous cite le cas de la frontière franco-espagnole fermée durant tant d'années et qui s'est ouverte après le passage de la statue Pélerine en route pour la Belgique. C'est à ce moment là que cette même statue préside à un Congrès Marial de trois pays: Hollande, Belgique et Luxembourg. Par une coïncidence providentielle le Traité BENELUX fut signé le jour même de la clôture du Congrès. C'est également à son arrivée au Pakistan que se termina la guerre entre ce pays et l'Hindoustan. Les hostilités, dues à des questions de frontières, finirent grâce à un accord signé le jour même de l'arrivée de la statue.

Il nous conte enfin le fait suivant: C'est de Fátima que, après avoir visité ce Sanctuaire Portugais, deux aumôniers militaires eurent l'idée, réalisée peu après, d'un pèlerinage mondial des anciens combattants à Lourdes. Tous les ans se réunissent là, aux pieds de Notre-Dame des hommes qui auparavant se combattaient féroce ment ne traversant les frontières qu'en tenue de combat et au son de la guerre. Ils les traversent maintenant en uniforme sans doute, mais avec des intentions pacifiques, pour implorer de la Mère du Ciel la paix et la concorde entre tous les hommes.



SUMMARY

FÁTIMA AND ITS CONTRIBUTION TOWARDS PEACE

This is the title of our greeting to all our readers, for the New Year, 1968. It refers to the Message of Peace of Our Lady of Fátima and to the appeal made here by Pope Paul VI on May 13th, 1967, for all men to use all their endeavours towards Peace on the earth, so that all may feel as brothers, united in the same ideals of progress and concord. It refers to the similar appeal made by the same Pontiff in the Hall of the UNO, when on his visit called all men the responsibilities of the present moment if they wanted to live in peace. No more war! Never more! But projects of progress and a firm will to obtain the victories of Peace.

These are our wishes for the New Year.

FÁTIMA AND ITS CRITICAL HISTORY

Reverend Dr. Joaquin Maria Alonso, C. M. F., our distinguished collaborator, entrusted by His Excellency the Bishop of Leiria with the writing of a critical history of Fátima, was approached by an editor of the French paper «L'HOMME NOUVEAU» requesting an interview about this matter and further to clarify some doubtful questions which were circulating about the Apparitions of Fátima and its Message. This interview, published on the 19th November, 1967, in the said paper, after having spoken personally to Dr. Alonso, we now summarize here in its principal passages.

Dr. Alonso begins by explaining the motive of his being entrusted with this monumental work: «Some years ago I was preparing, with all due patience, a history about the devotion to the Immaculate Heart of Mary. The moment having arrived when I was faced with the case of Fátima, I went to Leiria to investigate the documents, and in view of the problematic nature of the theme, I had to broaden the panorama of my investigations. This theme occupies quite an important place in the Apparitions and Message of Fátima which requires a global study to be made of the phenomena... It was then that the Bishop of Leiria, Dom John Pereira Venâncio, asked me to undertake this study, and in truth I was delighted... It is impossible to describe the abundance of archives and documents which I found in this regard, and also the difficulties in making contact directly with all of them, scattered as they are throughout several countries like Italy, Germany, France, Brazil, and naturally Portugal... The «dossier» of Fátima is so extensive and so important that it does not admit comparison with any other charismatic manifestation in the history of Catholic piety... Besides that, we must count on the most important document of all, that of the very protagonist of the apparitions still living, Lucia dos Santos...

... We are fully convinced that it is possible today to establish valuable historical-critical conclusions... In this way, we hope that the books of the future about Fátima can avoid the repetition of certain errors in preceding books...

... The title of my work will be: «FÁTIMA, HISTORY AND MISSION» and will have, as sub-title: «A critical historical study». This title expresses well the contents of the work. It does mean only describing the facts, but also making a critical study of the texts which contain the Message offered by Fátima to the Church... It deals with a religious history which ought to be observed on this triple dimension: the intervention of God directing His people in the way of salvation, which is as the conclusion of the work, preceded by the study of the other dimensions: the historical means and the personages who intervened... But it should be known that our work is fundamentally historical and not theological...

The documents being so numerous, we are obliged to make a conscientious and truly critical choice, but we guarantee that we offer to our readers all the fundamental texts of the case... I am not against apologetics, but my work is not properly speaking apologetic but fundamentally and essentially HISTORICAL, CRITICAL, DOCUMENTARY... With regard to other authors who consider themselves historically sincere but who have spoken with such superficiality of Fátima, the least I can say is that they do not know the texts or the idiom in which they were written and further, what is more serious, they have tended to falsify the intermediary authors of which they made use...

About the interpretations which circulated in regard to the visit of Pope Paul VI to Fátima, I must say the following: «It has been affirmed that Fátima is anti-conciliar, anti-ecumenical, reactionary, retrograde and triumphalist. Thus spoke, for example, «Refórm», «Nuovi-Tempis», «Les Informations Catholiques Internationales». This tiring play of words does not appear to me serious. What is more grave, however, is that they place essential principles in doubt. It does not imply only questions of pastoral ecumenism or «aggiornamentos», but of principles. This was one of the aspects of the criticism of Fátima that the «Figaro» overlooked. True living faith is not nourished on abstract formulas. If Catholic traditional piety, well founded on Catholic Mariology, attained such forms of manifestation as those at Fátima, ought these same, perchance, be renounced because of «charity towards our separated brethren»? It is a very delicate case of prudence which here enters into play, but there are no professional theologians who can give us a clear reply to this so complex question. To what point ought the supreme authority of the Church respect the principles established by Vatican Council II so as not to wound the susceptibilities of our separated brethren? The reply is simple: to the point in which other reasons of principle or grave pastoral motives do not require the contrary. And what is still more grave: to where and in what measure can this same supreme authority count on the impulses of the Spirit which cries, with unspeakable groanings, in the hearts of faithful Catholics: «Abba»-«Father», and likewise impels them to call: «Mother! Mother!», when they turn

to the Virgin Mary? ... How could the authors of the articles in the above mentioned publications have seen an anti-ecumenism or anti-conciliarism in Fátima? ... The millions of Catholics who accompanied Pope Paul VI, Fátima Pilgrim, did not see in the gesture of the Supreme Pontiff anything but a traditional mode of acting on the part of the Church, which comforted them enormously ...

Here is how I saw the visit of Pope Paul VI to Fátima: As a historiographer, I felt all my mental categories of the past, present and historical future, fade away before the kind and paternal gesture of the Holy Father of the Family who presented us to the Virgin Mary full of grace so that we all would be united to Her; that the past of Fátima, its exactly fifty years by the clock of time, was reduced to the «zero» hour of the present which we ought to treasure up and make eternal. And the whole future of Fátima is as it were summed up and guaranteed in that precise and precious moment».

Now, a few brief words about our own personal query to Dr. Alonso, after having read this interview and other dialogues with him as a historiographer. We asked him: «After having studied critically, historically, abstracting theoretically in your quality of man of faith and of the Church, the history of Fátima, is your belief in the Apparitions and the Message of Fátima stronger, more devout, or simply theoretical?» The reply came, without any hesitation, as follows: «I am not only more convinced of the veracity of the Apparitions, of the authenticity of the Message, but more united to Our Lady, with a more lively faith and a more ardent devotion towards Her Immaculate Heart. I feel more thoroughly imbued with the will and the strength to cry that from right here comes the sign of salvation to us for the Church and the World of our time and of the future.»

FÁTIMA AND THE DUTY OF OUR STATE IN LIFE

Jean Ousset pronounced, in the «Mutualité» in Paris on the 25th April 1967, a conference subordinated to the theme of this epigraph, and of which we outline the essential points expressed. Taking a phrase of Lucia's written down in a letter of hers, dated 28th February, 1943, in which there is given a request of Our Lord — «The sacrifice required by each one's fulfillment of duty and the observance of My law, that is the penance which I now ask and require» — we are placed before an apparent problem of contradiction: «Is it possible that an obligation so elementary be proposed as sufficient penance, a saving penance, capable of warding off evils announced by Our Lady in the event of Her request not being carried out?»

The author replies that, in fact, it does seem strange that a greater penance is not required of us, although the supernatural intention of our most insignificant actions renders them sublime and greatly meritorious ... Fidelity to the duties of our state in life seems little, but it takes us much further than we can imagine at first sight. First, because this duty refers to all, without exception, from the most humble to the most

gifted, as can be seen, taking the Gospel comparison, in the case of the servant who received only one talent and, nevertheless, was punished for not making it fruitful ... The indigence of our capacities, our means, our talents, cannot serve as an excuse for our inactivity ... Some excuse themselves because of their insufficiency, leaving it to others more gifted to develop action in the sphere of actual requirements for renewal of the world according to the Will of God and the requests of Our Lady. There are others who only fulfill those duties of their state which are easier or more lucrative ...

Our Lord, in asking and requiring the fulfillment of the duties of our state, calls us to a real and general mobilization against error. He asks of us a more definite manner of action. He asks of us supernatural action, in the first place, and natural action «en masse», because we are all obliged to the fulfillment of our duty, no matter what our position may be, fruitful action according to the competence and capacity of each one. What matters is that we do not bury our talents, but fructify every one. There are a great number of people who think that victory depends essentially on the great leaders and guides and that it is sufficient to applaud these in order to gain the victory. A mistake. If soldiers came to think that victory did not depend on them but only on the generals, because of their extraordinary strategic talents, they would only be heading for defeat.

The Message of Fátima is conclusive: the mobilization of the duties of their state as recommended to each and everyone; the Gospel confirms it in the parable mentioned.

MISSIONARY PORTUGAL EXALTED IN FÁTIMA

During the last International Marian Congress which took place in Fátima during the month of August, His Eminence Cardinal Cooray, Archbishop of Colombo, Ceylon, delivered a homily which we have transcribed in full, in which he affirmed that the Faith was borne to his country 450 years ago by Portuguese Missionaries who planted so deeply in the hearts of the people that the long persecution of 150 years suffered from the Calvinists has not been able to uproot it. The Portuguese left still more to the people of Ceylon besides the true faith: a kind of inheritance which consists in the devotion to the Most Blessed Sacrament and to Our Lady. His Eminence went on to tell how Ceylon has always been protected in a singular manner by Our Lady's maternal care, above all, during the last world war when She defended the country and preserved it from invasion by the Japanese and all the horrors of war. Then Archbishop of Ceylon made a promise do erect a sanctuary to Our Lady under the invocation of Our Lady of Lanka, as Ceylon is called in the language of the natives, and proclaim her Queen of Lanka if She would protect them as in the past, which She did, so the promise was fulfilled. New relations with Portugal and Fátima were re-established, for the Statue of Our Lady of Lanka is a copy of the Pilgrim Virgin of Fátima, with a little difference which,

however, binds it all the more to Fátima and Portugal, having the Infant Jesus in her arms. According to the Portuguese historian Queirós, She thus appeared to the first Portuguese who arrived there, the Infant being «of incomparable beauty», having the Rosary of Fátima in one of His hands and the other pointing to His Divine Mother. This statue was carved in Fátima by a Portuguese sculptor from Portuguese wood, and brought to Rome where it was blessed by the Holy Father. Came back to Lisbon from where it was taken to Goa by His Eminence the Cardinal Patriarch, who handed it over personally to Cardinal Cooray. His Eminence was accompanied by a large number of pilgrims from Ceylon who assembled there to receive their Queen represented in this new statue.

THE PROMISES OF OUR LADY IN FÁTIMA

We continue publishing the article of Canon Barthas on the promises of Our Lady in Fátima, speaking to us this second part, of the second promise: «YOU WILL HAVE PEACE». The author narrates how the Pilgrim Statue of Our Lady has opened frontiers, as in the case of the French-Spanish frontier, closed for many years, and opened after the passage of the Pilgrim Statue on its way to Belgium; how, on this occasion, the same Statue presided at a Marian Congress of three countries: Holland, Belgium and Luxemburg, and how it happened by a providential coincidence that on the closing day of the Congress the BENELUX Treaty was signed; similarly how on its arrival in Pakistan, the war between this country and Hindustan, because of reasons regarding frontiers, came to an end and the agreement was signed which put an end to hostilities, on that very day.

He further relates how two French military chaplains, on leaving Fátima after a visit to this great Portuguese Sanctuary, were inspired with the idea of a world pilgrimage of former combatants to Lourdes, which was soon realized and in such a manner that they gather annually at Our Lady's feet, men who once fought ferociously and who only crossed frontiers in uniform to the sound of war, and now cross them again, in uniform also but with peaceful aims, to implore Our Heavenly Mother for Peace and concord among all men.



FÁTIMA NO MUNDO

ITÁLIA

Diocese de LODI

Na paróquia do Santissimo Salvador, uma capela foi dedicada a Nossa Senhora de Fátima.

«Estando muito difundida na Paróquia a devoção a Nossa Senhora de Fátima, foi decidido mandar esculpir uma imagem da Virgem que seria entronizada numa capela lateral perto da capela do Santissimo Sacramento.



A iniciativa foi recebida com entusiasmo por toda a população. A nova capela de Nossa Senhora de Fátima seria o «Monumento Comemorativo» da cruel guerra mundial de 1939, e um meio eficaz para reavivar a devoção à Santíssima Virgem, seguindo os ensinamentos que Ela comunicou aos três pastores, e ainda para implorar à celeste Rainha da Paz a garantia de uma paz verdadeira e a Sua especial protecção à Paróquia.

Havia uma outra especial razão para a dedicação desta capela, dada a grande devoção desta gente à Virgem do Carmo, pois que em Fátima, na última Aparição, Nossa Senhora mostrou-Se aos videntes com os trajes da Virgem do Carmo.

Encarregou-se da escultura o artista Moroder di Ortesi que prometeu fazer todos os possíveis para reproduzir do modo mais semelhante a imagem descrita na Aparição. A imagem mede dois metros e tem a seus pés os três pastorinhos.

Foi um dia maravilhoso aquele de Maio de 1943 em que a Imagem foi apresentada ao povo, numerosíssimo, que enchia completamente a igreja e a praça em frente. Desde então a devoção tem aumentado de dia em dia, sendo muitíssimos os devotos que vêm implorar a protecção de Nossa Senhora de Fátima para os seus soldados.

Os jovens oratorianos de Codogno desejavam fazer qualquer coisa de especial para fomentar a devoção a Nossa Senhora e pedir-Lhe a Sua maternal protecção para os companheiros que andavam na guerra e, ao mesmo tempo, conseguir o fim da mesma.

Encarregou-se o Pintor Cesar Secchi de pintar um quadro representando a Virgem de Fátima. Mede 2x1,50 metros. O quadro foi solenemente exposto na Paróquia para a celebração de um tríduo de orações e, depois, acompanhada por combatentes que nessa altura se encontravam de licença, foi transportada para o Oratório Maschile, que preside. Foi em 1946. Hoje é um centro de viva devoção tanto da parte dos oratorianos como de toda a população.

Notícias e fotos enviadas por Mons. Sandro Capello.

Escultura de Moroder di Ortesi, representando Nossa Senhora de Fátima e os três pastorinhos, na capela que Lhe foi consagrada na igreja paroquial do Santissimo Salvador de Lodi, Itália



Quadro do pintor Cesar Secchi, na Capela do Oratório Maschile, Codogno, Itália

